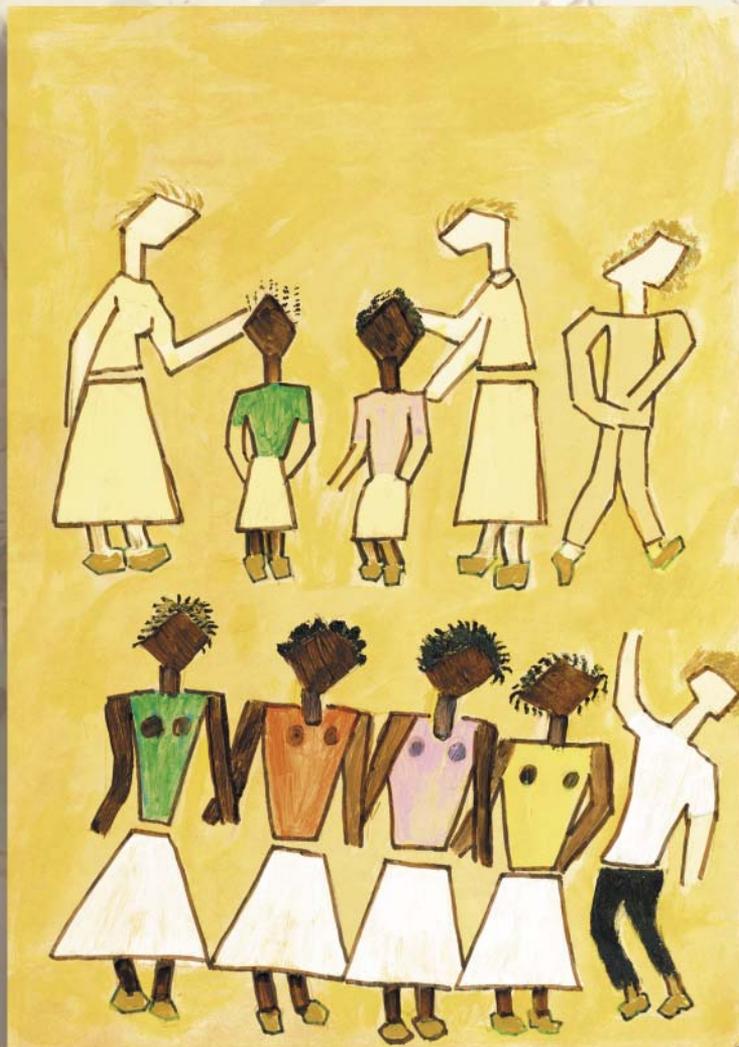


CABELO BOM. CABELO RUIM



Rosangela Malachias

A coleção *Percepções da Diferença. Negros e brancos na escola* é destinada a professores da educação infantil e do ensino fundamental. Seu intuito é discutir de maneira direta e com profundidade alguns temas que constituem verdadeiros dilemas para professores diante das discriminações sofridas por crianças negras de diferentes idades em seu cotidiano nas escolas.

Diferenciar é uma característica de todos os animais. Também é uma característica humana muito forte e muito importante entre as crianças, mesmo quando são bem pequenas, na idade em que freqüentam creches e pré-escolas e começam a conviver com outras observando que não são todas iguais.

Mas como lidar com o exercício humano de diferenciar sem que ele se torne discriminatório? O que fazer quando as crianças se dão conta da diferença entre a cor e a textura dos cabelos, os traços dos rostos, a cor da pele? Como evitar que esse processo se transforme em algo negativo e excludente? Como sugerir que as crianças brinquem com as diferenças no lugar de brigarem em função delas?

*Os 10 volumes que compõem a coleção *Percepções da Diferença* chamam a atenção para momentos em que a diferenciação ocorre, quando se torna discriminatória, e sugerem formas para lidar com esses atos de modo a colaborar para que a auto-estima e o respeito entre crianças sejam construídos.*

Os autores discutem conceitos e questionam preconceitos. Fazem sugestões de como explorar as diferenças de maneira positiva, por meio de brincadeiras e histórias, e de leituras que possam auxiliá-los a aprofundar a reflexão sobre os temas, caso desejem fazê-lo.

Para compor a coleção convidamos especialistas e educadores de diferentes áreas. Cada volume reflete o ponto de vista do autor ou da autora de modo a assegurar a diversidade de pensamentos e abordagens sobre os assuntos tratados.

Desejamos que a leitura seja prazerosa e instrutiva.

Gislene Santos

COLEÇÃO PERCEPÇÕES DA DIFERENÇA.
NEGROS E BRANCOS NA ESCOLA

VOLUME 4

**CABELO BOM.
CABELO RUIM!**

*Agradeço à pesquisa realizada por
Ellis Regina Feitosa do Vale.*

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Educação

Fernando Haddad

Secretário-Executivo

José Henrique Paim Fernandes

**Secretário de Educação Continuada,
Alfabetização e Diversidade**

André Luiz Figueiredo Lázaro

**COLEÇÃO PERCEPÇÕES DA DIFERENÇA.
NEGROS E BRANCOS NA ESCOLA.**

Apoio:

Ministério da Educação - Secretaria de Educação
Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD)
Programa UNIAFRO.

Realização:

NEINB - Núcleo de Apoio à Pesquisas em
Estudos Interdisciplinares sobre o Negro Brasileiro,
da Universidade de São Paulo - USP.
Coordenação da coleção: Gislene Aparecida dos Santos
Projeto gráfico: Jorge Kawasaki
Pinturas das capas: Zulmira Gomes Leite
Ilustrações: Marcelo d'Saete
Editoração: Nove&Dez Criação e Arte
Revisão: Lara Milani

ISBN 978-85-296-0082-6 (Obra completa)

ISBN 978-85-296-0086-4 (Volume 4)

Impresso no Brasil

2007

Sumário

Introdução	11
Parte 1 - Algumas histórias. Aprendendo a conhecer o cotidiano escolar.....	11
Parte 2 – Aprendendo a fazer	24
Parte 3 – Aprendendo a conviver com as diferenças	31
Parte 4 - Aprender a ser	42
5. Curiosidades – para saber mais.....	47
Referencias bibliográficas.....	53
Glossário da coleção	56

PLANO DA OBRA

A coleção *Percepções da Diferença. Negros e brancos na escola* é composta pelos seguintes volumes:

1 - Percepções da diferença. Autora: Gislene Aparecida dos Santos

Neste volume são discutidos aspectos teóricos gerais sobre a forma como percebemos o outro. Para além de todas as diretrizes pedagógicas, lidar com as diferenças implica uma predisposição interna para repensarmos nossos valores e possíveis preconceitos. Implica o desejo de refletir sobre a especificidade das relações entre brancos e negros e sobre as dificuldades que podem marcar essa aproximação. Por isso é importante saber como, ao longo da história, construiu-se a ideologia de que ser diferente pode ser igual a ser inferior.

2 - Maternagem. Quando o bebê pelo colo. Autoras: Maria Aparecida Miranda e Marilza de Souza Martins

Este volume discute o conceito de maternagem e mostra sua importância para a construção da identidade positiva dos bebês e das crianças negras. Esse processo, iniciado na família, continua na escola por meio da forma como professores e educadores da educação infantil tratam as crianças negras, oferecendo-lhes carinho e atenção.

3 - Moreninho, neguinho, pretinho. Autor: Luiz Silva - Cuti

Este volume mostra como os nomes são importantes e fundamentais no processo de construção e de apropriação da identidade de cada um. Discute como as alcunhas e os xingamentos são tentativas de desconstrução/desqualificação do outro, e apresenta as razões pelas quais os professores devem “decorar” os nomes de seus alunos.

4 - Cabelo bom. Cabelo ruim. Autora: Rosângela Malachias

Muitas vezes, no cotidiano escolar, as crianças negras são discriminadas negativamente por causa de seu cabelo. Chamamentos pejorativos como “cabeça fuá”, “cabelo pixaim”, “carapinha” são naturalmente proferidos pelos próprios educadores, que também assimilaram estereótipos relativos à beleza. Neste volume discute-se a estética negra, principalmente no que se refere ao cabelo e às formas como os professores podem descobrir e assumir a diversidade étnico-cultural das crianças brasileiras.

5 - Professora, não quero brincar com aquela negrinha! Autoras: Roseli Figueiredo Martins e Maria Letícia Puglisi Munhoz

Este volume trata das maneiras como os professores podem lidar com o preconceito das crianças que se isolam e se afastam das outras por causa da cor/raça.

6 - Por que riem da África? Autora: Dilma Melo Silva

Muitas vezes crianças bem pequenas já demonstram preconceito em relação

a tudo que é associado à África: música, literatura, ciência, indumentária, culinária, arte... culturas. Neste volume discute-se o que pode haver de preconceituoso em ler desses conteúdos. Apresentam-se ainda elementos que permitem uma nova abordagem do tema artes e africanidades em sala de aula.

7 - Tímidos ou indisciplinados? Autor: Lúcio Oliveira

Alguns professores estabelecem uma verdadeira díade no que diz respeito à forma como enxergam seus alunos negros. Ora os consideram tímidos demais, ora indisciplinados demais. Neste volume discute-se o que há por trás da suposta timidez e da pretensa indisciplinada das crianças negras.

8 - Professora, existem santos negros? Histórias de identidade religiosa negra. Autora: Antonia Aparecida Quintão

Neste volume se discutem aspectos do universo religioso dos africanos da diáspora mostrando a forma como a religião negra, transportada para a América, foi reconstituída de modo a estabelecer conexões entre a identidade negra de origem e a sociedade à qual esse povo deveria se adaptar. São apresentadas as formas como a população negra incorporou os padrões do catolicismo à sua cultura e como, por meio deles, construiu estratégias de resistência, de sobrevivência e de manifestação de sua religiosidade.

9 - Brincando e ouvindo histórias. Autora: Sandra Santos

Este volume apresenta sugestões de atividades, brincadeiras e histórias que podem ser narradas às crianças da educação infantil e também aspectos da História da diáspora africana em território brasileiro, numa visão diferente da abordagem realizada pelos livros didáticos tradicionais. Mostra o quanto de contribuição africana existe em cada gesto da população nacional (descendentes de quaisquer povos que habitam e colaboraram para a construção deste país multiétnico), com exemplos de ações, pensamentos, formas de agir e de observar o mundo. Serve não só a educadores no ambiente escolar, mas também ao lazer doméstico, no auxílio de pais e familiares interessados em ampliar conhecimentos e tornar mais natural as reações das crianças que começam a perceber a sociedade e seu papel dentro dela.

10 - Eles têm a cara preta. Vários autores

Este exemplar apresenta práticas de ensino que foram compartilhadas com aproximadamente 300 professores, gestores e agentes escolares da rede municipal de educação infantil da cidade de São Paulo. Trata-se da Formação de Professores intitulada Negras imagens. Educação, mídia e arte: alternativas à implementação da Lei 10.639/03, elaborada e coordenada por pesquisadoras do NEINB/USP simultânea e complementarmente ao projeto Percepções da Diferença Negras e brancos na escola.

A Autora:

Rosângela Malachias é doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Fellow Ryoichi Sasakawa (Japão), pesquisadora do NEINB/USP, consultora acadêmica do Programa Raça, Desenvolvimento e Desigualdade Social – Brasil Estados Unidos (USP-UFBA-Howard University – Vanderbilt University) e co-fundadora do Grupo Mídia e Etnia oriundo do CCA-USP

Projeto gráfico: Jorge Kawasaki

Diretor de Arte e designer gráfico, iniciou a carreira em 1974, trabalhou em empresas como Editora Abril e Editora Globo. Criou e produziu vários projetos como colaborador na Young&Rubican, Salles, H2R MKT, Editora K.K. Shizen Hosoku Gakkai (Tôquio, Japão), entre outras.

Pinturas das capas: Zulmira Gomes Leite

Teóloga, Artista Plástica, Acadêmica da Academia de Letras, Ciências e Artes da Associação dos Funcionários Públicos do Estado de São Paulo. Assina as Obras de Artes como Zul+

Ilustrações internas: Marcelo d'Salete

É ilustrador e desenhista / roteirista de histórias em quadrinhos. Ele mora em São Paulo, capital, estudou comunicação visual, é graduado em artes plásticas e atualmente mestrando em História da Arte. Seu tema de estudo é arte afro-brasileira. Ilustrou os livros infantis Ai de tí, Tietê de Rogério Andrade Barbosa; Duas Casas, de Claudia Dragonetti; entre outros. Participou da Exposição Conseqüências do Injuve, Espanha, 2002; da Exposição de originais da revista Front no FIQ, MG, 2003; e da Exposição Ilustrando em Revista, Editora Abril, 2005. Foi finalista do Concurso Folha de Ilustração 2006.

Rosangela Malachias

VOLUME 4

**CABELO BOM.
CABELO RUIM!**

COLEÇÃO PERCEPÇÕES DA DIFERENÇA.
NEGROS E BRANCOS NA ESCOLA

Organização
Gislene Aparecida dos Santos

1ª edição
São Paulo
Ministério da Educação
2007

INTRODUÇÃO

Este livro apresenta reflexões, análises e extratos de histórias relatadas por professoras(es), gestoras(es), mães e crianças sobre a questão do cabelo. A narrativa tenta exercitar um olhar sobre o cotidiano da escola e das pessoas na sociedade. Alguns relatos podem parecer engraçados, mas são tristes para alguns de seus personagens. Por isso, a narrativa propõe alguns desafios. O primeiro deles é *aprender a conhecer* o real significado dos conceitos que estruturam a desigualdade – *preconceito, racismo e discriminação*. A partir desse aprendizado, buscaremos estruturar as ações didático-pedagógicas nos demais pilares da educação – *aprendendo a conviver, a fazer e a ser*.

Esperamos contribuir para que a *percepção das diferenças* seja um passo inicial dos educadores rumo às práticas efetivas do respeito à diversidade étnica e cultural.

PARTE 1 - ALGUMAS HISTÓRIAS. APRENDENDO A CONHECER O COTIDIANO ESCOLAR

1.1 - Conversa entre amigas

Duas professoras se encontram no corredor da escola e conversam sobre o final de semana. Ambas saíram. Foram a lugares distintos. Uma foi a uma festa de casamento que obrigava o uso de “traje social”. A outra professora tinha ido ao clube com os filhos. Tomou muito sol, banho de piscina e “uma cervejinha para refrescar”.

As amigas iniciaram um rápido diálogo sobre os programas de cada uma:

– Você teve coragem de molhar seu cabelo na piscina?

A colega que fora ao clube respondeu:

– Em anos de sofrimento eu desenvolvi algumas estratégias. Prendi o cabelo bem apertado e depois que saí da piscina passei bastante gel para abaixar a juba.

– E você? O que fez com seu cabelo? Ele está bem bonito!

– Ah, fui ao salão de beleza e paguei bem caro por uma escova progressiva. Durante um bom tempo não vou mais precisar me preocupar.

De repente, passa por ambas a supervisora da escola sorrindo e cumprimentando-as. As duas amigas retribuem o sorriso olhando para ela com admiração e um certo quê de inveja. Depois que ela entra na diretoria, comentam:

– Que cabelo bom que ela tem, não é? Quem me dera ter um “cabelão” desses!

A amiga concorda suspirando.

Cada uma segue para a sua sala de aula. As crianças acabaram de chegar e a diversidade étnica das classes da escola se apresenta num painel de rostos em tons de pele *dégradé*, da criança mais clara à mais escura. Os cabelos têm também texturas diversas. As assistentes, responsáveis pelo cuidar, que inclui dar banho e pentear, apelidaram algumas cabeças de “fuá”, provavelmente porque, para elas, esta palavra define o embaraço dos cabelos despendeados. Mas, na realidade, a palavra “fuá” apresenta vários significados: intriga, fuxico, caspa, doença de pele produzida por piolhos, pó finíssimo que se desprende da pele arranhada... Estes significados não são positivos e reforçam pejorativa e negativamente a idéia de que as crianças afro-descendentes têm “cabelo ruim”.

Outro chamamento preconceituoso utilizado por agentes escolares, educadores e até mesmo pelos próprios familiares das crianças é “cabelo pixaim”. A definição deprecia o cabelo crespo, “encarapinhado” (tipo carapinha), característico dos negros, pelo fato de não ser naturalmente liso. Porém, essas pessoas desconhecem que, no Brasil, o emprego desses termos pode ser considerado racista e, portanto, criminoso.

Sem saber, as duas professoras repetem, em suas salas, as mesmas ações. Passam a mão na cabeça das meninas mais branquinhas, porque elas têm um “cabelão lindo”, nunca precisarão de escova progressiva nem de gel em excesso.

As crianças negras e mestiças observam, sem fala, o carinho demonstrado pela “tia” àquela criança. Talvez estejam ansiosas, esperando a sua vez de receber carinho semelhante, mas ele não ocorre.

Durante as reuniões pedagógicas, ambas as professoras afirmam não exis-





tir *preconceito* na escola, pois não conseguem captar esses sinais subjetivos e não menos relevantes. Nenhuma das duas acaricia as “cabeças fuás”, porque ninguém passa a mão em “cabelo ruim”. O curioso é que as professoras nem se dão conta de que não estão tratando as crianças com igualdade.

Para complementar esse padrão comportamental, mães, tias e avós cedem – para facilitar sua vida (e a das meninas) – aos apelos dos alisantes anunciados na TV e sonharão com os cabelos das modelos que são capa de revistas. Todas elas têm cabelo liso. “Cabelo bom.”

1.2 - Meninas bonitas

Marina tem 6 anos. Ela é negra, mas a sua pele não é tão escura quanto a de Sarah, que tem 7. Sarah é tão pretinha que seus olhos grandes e pretos assemelham-se a duas jaboticabas. Sua pele escura é perfeita e seu rosto demonstra uma beleza simétrica como a de modelos africanas, que povoam os cartões-postais estrangeiros.

A beleza de Marina não salta aos olhos. Está escondida no sorriso que, de vez em quando, ela se permite dar. Os olhos vivos indicam, ao mesmo tempo, inteligência e dispersão. Quem olha para Marina vê uma menina com roupas limpas, mas amassadas e esgarçadas. O seu cabelo castanho-claro está sempre desgrenhado, como se ela tivesse acabado de acordar e não quisesse se livrar do embaraço dos fios duros, que se soltaram das tranças semidesfeitas pelo tempo. Ilda, mãe de Marina, é jovem, aparenta no máximo 23 anos. Ela é branca e está grávida do sexto filho. Sempre acompanha

Marina à porta da escola carregando no colo o bebê, quinto irmãozinho de Marina. Ilda se veste como a filha, embora os seus cabelos, por serem lisos, aparentem estar penteados.

Sarah tem uma avó, negra como ela, dona Odete, que se preocupa em trançar o cabelo da neta. Sarah tem mais dois irmãos.

Marina e Sarah usam trancinhas. Porém, a forma como têm seus cabelos tratados evidencia o cuidado e a atenção diferenciada que recebem de suas famílias, que residem em barracos vizinhos numa favela da zona norte da cidade de São Paulo. No bairro há uma escola pública freqüentada pela maioria das crianças e adolescentes do lugar.

A professora de ambas as meninas também é negra. Vaidosa, usa cabelo sintético importado, num alongamento impecável. Ninguém diz que as madeixas não são dela e, quando alguém se arrisca a dizer, tia Regiane, como é chamada pelas crianças, rebate: “O cabelo é meu sim, eu comprei e paguei caro”.

Regiane sempre fica incomodada quando Marina chega, todos os dias, com o cabelo despenteado. Um dia, ela chamou a menina de lado e lhe disse: “Você precisa pentear seu cabelo”. Mas a professora sabia que uma menina daquela idade não conseguiria, sozinha, desembaraçar e pentear aquele cabelo crespo. Resolveu então questionar a mãe, dona Ilda, e ficou sem resposta depois deste diálogo.

(Prof^a. Regiane) – Dona Ilda, a Marina precisa vir à escola com o cabelo penteado.

(Ilda, mãe de Marina) – É, professora, eu sempre brigo com ela, falo pra ela pentear esse cabelo e ela não penteia. Quando eu posso, pago pra minha cunhada trançar, mas a Marina é folgada e eu tenho os pequenos pra olhar.

Muitas questões passavam pelo pensamento da professora, enquanto ela olhava para um ponto perdido, na direção de Ilda: “Folgada? A Marina é muito pequena para pentear o cabelo sozinha. Mesmo com tantas crianças, a mãe dela deveria ter um tempinho para cuidar da filha, penteá-la, arrumá-la. Será que ela sabe como pentear cabelo crespo? Isso é que dá mulher branca casar com homem negro! As filhas é que sofrem porque a mãe não consegue arrumar os cabelos crespos. Logo, logo vai alisar o cabelo da menina... Ela também precisaria usar um creme de pentear, mas será que a família dela tem dinheiro para isso? Será que um creme de cabelo não é algo supérfluo diante das dificuldades que eles enfrentam? Será que a mãe da Marina se ofenderia se eu comprasse um frasco de creme e o desse a ela? Mas e as outras mães? Poderiam me cobrar a mesma atenção... Não tem jeito”.

A professora Regiane sentia-se incomodada em olhar aquela criança negra tão desarrumada, mas ficava feliz em ver Sarah, “tão pretinha e tão

bem cuidada”. Internamente Regiane cobrava de Marina algo que a menina sozinha não conseguiria fazer – “arrumar-se”, “manter sua boa aparência”, “pentear o cabelo”.

Sarah, ao contrário, fazia Regiane sentir orgulho, mas, sem que ela soubesse, este sentimento mesclava atitudes mentais de “preconceito”, assim como ocorria com as duas outras professoras, que somente passavam a mão na cabeça das meninas brancas, “que tinham cabelão”, consolidando, desse modo, a “discriminação”.

Regiane elogiava as atividades de Sarah e mantinha um silêncio em relação a Marina. Suas colegas de trabalho, por sua vez, só tinham olhos para as crianças brancas, e as demais, tão “pobrinhas”, causavam-lhes pena. “Essa gente não tem jeito!” era a frase mais comum nas reuniões pedagógicas da escola. “Será mesmo?”, perguntava-se Regiane.

Olhar para Sarah era como olhar para si mesma e rever a luta de sua família para que ela, Regiane, estudasse e conseguisse se formar em pedagogia. O suporte familiar não foi financeiro, mas sim um apoio moral expresso em atos simples e importantes, como a espera no ponto do ônibus à meia-noite quando Regiane chegava da faculdade; a sopa quentinha que sua avó lhe preparava e as tranças trabalhadas e bonitas que sua mãe lhe fazia quinzenalmente para ir ao trabalho e à faculdade.

Sarah poderá, quem sabe, um dia, tornar-se uma pedagoga ou ter outra profissão que a tire da favela. Marina, ao contrário, teria dificuldade em prosseguir, pois quem empregaria uma jovem desleixada?

O alarme toca finalizando o período. Regiane e as demais professoras seguem para a Secretaria de Educação. Foram convocadas para participar de uma formação pedagógica. A saída agrada Regiane, fazendo-a esquecer, por hora, o aborrecimento que sentira na conversa com a mãe de Marina. Ela procura Paulo, seu colega de trabalho que é historiador, e lhe pede carona.

Regiane sonha fazer especialização na USP. Já conversou com uma palestrante na Secretaria de Educação e foi estimulada a estudar: “Os negros precisam se esforçar”, disse a coordenadora, num aconselhamento um tanto arrogante, mas travestido de preocupação e boa vontade. Regiane ouviu o conselho e não quis ser indelicada. Em silêncio, pensou: “Mas eu tenho me esforçado a vida toda... Será que precisarei me esforçar ainda mais?”.

1.3 – Formação pedagógica: debate preconceituoso. Aprendizado inusitado

Na entrada da Secretaria, os participantes encontram algumas garrafas térmicas com café e chá e as bandejas de papelão com os famosos “biscoitos pedagógicos”. O auditório com cadeiras móveis está preparado para a atividade.

de. Na frente, um jovem negro, alto, chama a atenção dos presentes. Ele usa *dreadlocks* no cabelo, o que causa cochichos entre o público:

- Olha só o rastafári. Será que ele é maconheiro?
- Como pode uma pessoa usar um cabelo desses?

A diretora responsável pela formação apresenta os especialistas que atuariam na dinâmica como debatedores para “facilitar” o desenvolvimento do tema “Preconceito na escola”. Para a surpresa das autoras dos comentários acima, Jonas era um dos debatedores e foi designado para ficar com o grupo de Regiane e Paulo.

Frente a frente, nessa roda de formação promovida pela Secretaria de Educação, encontram-se as duas professoras citadas no início deste livro, a supervisora que lhes causava inveja por ter um “cabelão”, a professora negra Regiane, o historiador Paulo, uma jovem professora de pele bem clara com cabelos cacheados e o debatedor Jonas.

Juntos, na atividade “em grupo”, recebem a incumbência de debater o tema “Preconceito na escola”. A atividade seria gravada para posterior transcrição. O ambiente, apesar de amplo, estava repleto de grupos formados por educadores de outros bairros da mesma região. O barulho do trânsito na rua demandava o fechamento das janelas, mas o calor impedia tal movimento, visto que os ventiladores ligados eram insuficientes para refrescar o local.

Na escola, o professor Paulo, formado em história pela PUC, era o “benedito fruto entre as mulheres”, sendo o único educador infantil do sexo masculino. Participava ativamente das formações de professores promovidas pela Secretaria de Educação. Seu conhecimento histórico sempre ajudava os palestrantes e ele sempre tentava ser “politicamente correto”.

Durante a atividade, Paulo levantou a mão para responder à questão geral sobre a definição de *preconceito*.

Preconceito é a pré-concepção de um conceito, ou seja, a opinião antecipada sobre alguma coisa ou alguém, sem conhecimento aprofundado.

Em seguida a essa definição, Paulo argumentou:

– Sabe, não é que a gente tenha preconceito contra as crianças negras, mas acho que o nosso preconceito é contra as crianças po-bri-nhas [frisou esta palavra].

Jonas lhe perguntou:

- Quem são as crianças po-bri-nhas?

O professor Paulo respondeu um tanto encabulado:

- São as crianças negras.

O professor Paulo tem um xará famoso, o educador Paulo Freire, que nos deixou um legado teórico de práticas educativas realmente possíveis:

“Ninguém pode estar no mundo de forma neutra. Não posso estar no mundo de luvas nas mãos constatando apenas. A acomodação em mim é apenas caminho para a inserção, que implica decisão, escolha, intervenção na realidade.”
(Freire, 1996, p. 86)

A intervenção necessária para a percepção e o respeito às diferenças culturais, étnicas, de classe e de gênero implica a coragem de exercitarmos um olhar e um sentir interior. Quando fechamos nossos olhos e pensamos nas nossas limitações e dificuldades, estamos diante da possibilidade de superá-las. Porém, nem sempre a superação é possível, pois ela demanda vontade individual, que somente ocorrerá pela predisposição em mudar, em aprender coisas novas e ter a ousadia de experimentá-las.

A princípio, todos os participantes da formação na Secretaria de Educação negaram a existência de preconceito nas suas respectivas unidades de ensino. Mas, após o professor e historiador Paulo identificar as crianças “po-bri-nhas” como sendo as “negras”, pairou no ar um silêncio constrangedor que foi interrompido por um debate acalorado, no qual todos falavam ao mesmo tempo. Vez por outra, ouvia-se um “psiu!” emitido pela coordenação para que os grupos trabalhassem com menos barulho. Dentre as opiniões emitidas, ouviam-se algumas frases, como as abaixo descritas:

- As mães não cuidam das crianças e ficam fazendo filhos.
- Os próprios negros não se aceitam.
- Eu me aceito! – esbravejou Regiane, mas sua colega respondeu:
- Se você se aceitasse não usaria esse cabelo artificial.
- Olha quem fala, a rainha do gel.
- Gente, gente, vamos parar com isso.
- Vocês, brancos, gostam de jogar nas costas dos negros a responsabilidade do racismo.
- E vocês, negros, vivem chorando miséria.
- Miséria? A escravidão aconteceu e a desigualdade afeta muito mais os negros que os demais grupos.
- Tudo bem, é verdade.
- Mas se os negros gostassem de ser negros, eles se casariam entre si. Pode ver que jogador de futebol só gosta de loira.
- Por que será? Não me lembro de ver mulher negra em capa de revista.

– Os meninos e as meninas crescem vendo só gente branca se dar bem. Na novela, só as brancas pegam o galã.

– A Taís Araújo [atriz negra] pegou o Gianecchini [ator branco].

– É verdade, mas na novela ela nunca reagia ao racismo. Parecia que era pra mostrar conformismo. E eu nunca vou me conformar.

– Se as crianças negras e brancas tivessem mais referência positiva de pessoas negras bem-sucedidas, talvez elas gostassem de ser negras.

– E os livros didáticos têm negros?

– Têm, têm sim. Uma menininha pretinha, descalça, com o cabelo em pé e com um ponto de interrogação na cabeça, dando a entender que ela é burrinha e não entendeu a lição.

– Ah, eu vi essa ilustração, me lembrei da Marina.

– De quem?

– Da Marina, aquela menina “moreninha” que sempre vem com “cabelo fuá”.

– É mesmo, coitada, se ela tivesse saído à mãe teria um cabelo melhor, não é? Puxou o “cabelo ruim” do pai, que é “bem escuro”.

– Ela não é “moreninha”, é negra. O pai dela não é “bem escuro”, ele também é negro. O cabelo dela não é “ruim”, é crespo.

– Gente, vocês nem parecem professoras!

– E você, por que se acha melhor que a gente, só porque a família do seu marido tem dinheiro?

– Não, porque eu leio e tento não ser preconceituosa.

– Tenta, é?

– Tento.

– Então por que você fez escova permanente no seu cabelo? É para esconder as suas raízes negras e crespas?

(Risos de todos.)

– Isso não tem nada a ver.

Ouvindo tudo, Jonas, que atuava como debatedor, se manifesta:

– Pessoal, vamos melhorar o nível deste debate. Vamos refletir nas falas ditas aqui por todos. Não interessa quem falou o quê, mas o conteúdo das falas e o porquê de elas terem sido utilizadas como justificativas ou respostas ao tema proposto. Vamos fazer um intervalo para o café e retornaremos, em seguida, comentando a discussão de vocês.

1.4 – Mãe indignada

Durante o café, o educador e psicólogo Jonas é rodeado pelas mulheres. Acostumado a receber olhares de espanto, admiração e crítica, observa a cena enquanto recorda seu passado recente.

Para ser contratado como estagiário numa escola particular, Jonas foi obrigado a rapar a cabeça. Depois dos três meses de experiência, ele foi demitido sob a alegação de não ter “o perfil” desejado pela instituição. Ficou careca por um tempo, até se dar conta de que sua cabeça rapada escondia parte importante de sua identidade, ou seja, do seu auto-reconhecer: o seu cabelo crespo e duro, de que ele aprendera a gostar quando era pequeno.

Este aprendizado foi recebido de sua mãe, que sempre elogiava o filho passando a mão, carinhosamente, no seu cabelo que, embora para as pessoas que o olhassem aparentasse ser duro e, por isso, áspero como “palha de aço”, era, na realidade, como ainda é, macio, suave.

Se alguma professora ameaçasse cortar seu cabelo, era briga na certa. Sua mãe ia à escola e conversava com ela explicando que o cabelo era bem tratado e não deveria ser cortado sem prévia autorização. Em suas recordações, Jonas lembrou que um dia uma inspetora de alunos decidiu cortar o seu cabelo alegando que ele tinha “piolho”. Jonas tinha 7 anos e não conseguiu reagir, apenas chorou. Quando a sua mãe foi buscá-lo na escola e viu o que havia acontecido, ela não entrou no estabelecimento. Foi direto à Secretaria da Educação, um prédio grande e bonito, denunciar a inspetora e a escola “por preconceito”. A funcionária da Secretaria telefonou para a escola e ouviu como justificativa dada pela direção que havia “um surto de piolhos” entre os alunos e a melhor coisa a fazer era cortar o cabelo dos “suspeitos”.

Dona Vera, mãe de Jonas, estava impaciente, posicionada em frente da funcionária, que falava ao telefone emitindo sons “Ahn-han”, ao mesmo tempo que acenava a cabeça afirmativamente. Ao desligar, a moça explicou o que ouvira da diretora da escola e acabou ouvindo muito mais da mãe de Jonas. A coisa foi tão grave que até o chefe do gabinete do secretário foi ver o que estava acontecendo. Quem era aquela mulher que gritava pedindo respeito?

Jonas assistia a tudo olhando para cima, vendo aquelas pessoas adultas nervosas por causa do cabelo dele. Foi quando o homem de óculos se apresentou como “assessor do secretário”, pedindo calma. Ele olhou para a carequinha de Jonas e disse:

– O corte ficou bem, ele está parecendo o Pelé.

Foi o suficiente para dona Vera gritar mais alto:

– Pelé? O pai dele não tem nada a ver com o Pelé! – e continuou:

– A escola não pode agir dessa forma. Os pais devem ser chamados e, no

caso dele, que nunca teve piolho, está na cara que foi preconceito.

A palavra “pre-con-cei-to” soou como uma bomba, e os dois, a funcionária e o assessor, começaram a falar ao mesmo tempo:

– Não, não existe isso no Brasil, se aqui fosse os Estados Unidos ou a África do Sul, sim, mas aqui todo mundo é igual.

Dona Vera rebateu:

– Se todo mundo é igual, por que só cortaram o cabelo do meu filho? Por que não cortaram o cabelo das outras crianças?

Sem resposta, o assessor pediu à jovem secretária para ligar novamente para a escola e ele mesmo conversou com a diretora. Dona Vera ficou novamente aguardando e ouvindo parcialmente a ligação. Jonas também prestava atenção e gostou quando o assessor disse:

– Que isso nunca mais se repita! Se houver surto de piolho na escola, os pais devem ser orientados a cortar ou tratar os cabelos dos filhos. A escola não é salão de beleza nem barbearia. Não tem de cortar o cabelo de nenhuma criança. Espero que vocês providenciem um pedido formal de desculpas a esta senhora, é uma ordem do secretário de Educação.

Dona Vera parecia flutuar. Jonas ficou ainda mais feliz quando sua mãe parou numa lanchonete do centro da cidade e lhe comprou um cachorro-quente e uma Coca-cola. Foi um dia inesquecível, mas o dia seguinte seria ainda mais surpreendente.

De manhã cedo, quando Jonas chegou à escola acompanhado de sua mãe, a diretora e a inspetora estavam na entrada e ambas pediram desculpas a dona Vera e a ele. A diretora ainda lhe deu um presente, uma bola de futebol, dizendo:

– Tomara que quando você crescer você jogue bola igual ao Pelé.

Atenta à situação, dona Vera emendou:

– Isso se ele quiser ser jogador de futebol. Mas acho que o meu filho poderá ter outra profissão, depois que terminar a universidade.

A diretora e a inspetora olharam para a mãe de Jonas com um olhar surpreso, como se questionassem: “Ele não quer ser jogador de futebol?”, “Universidade?”.

1.5 – A subjetividade objetiva da violência

Quando o recém-formado Jonas recebeu pela manhã uma carta de demissão por “não ter o perfil da empresa”, lembrou-se desse episódio. Ele estava careca e desempregado. Jonas foi então ao toalete, olhou-se no espelho e decidiu deixar o cabelo crescer novamente. Pegou suas coisas da gaveta e saiu do estágio. Com o tempo, voltou a ter *dreads*. Tirou uma foto e a colocou no seu currículo, o qual enviou pelo correio e via internet para vários estabe-

lecimentos de ensino privado e organizações não-governamentais. Passados alguns meses foi contratado por uma ONG e trabalha como educador e terapeuta, auxiliando jovens que vivem em situação de rua. A propósito, Jonas não gosta de futebol.

A história de Jonas nos faz pensar nessa crença (falsa) de que cabelos crespos “são ruins” e que, para “melhorar a aparência” dos meninos e jovens negros (incluam-se nesta categoria os pardos ou não-brancos que não têm cabelo liso), rapar a cabeça é a única alternativa.

E você, leitor(a), também acredita nesse *estereótipo*?

De volta ao grupo, as professoras brincam com Jonas dizendo que ele deve ser muito paquerado por ser “um negro, alto e bonito”. Sobre isso, ele comenta:

– Quando eu me vi desempregado e careca porque não me aceitaram como eu era, jurei pra mim mesmo que não viveria mais em função dos outros. A minha aparência teria de agradar a mim em primeiro lugar. Aprendi novamente a gostar de mim e do meu cabelo, talvez minha auto-estima faça as pessoas me olharem e me acharem bonito. Antes, eu era muito tímido, andava olhando para o chão. Hoje, eu olho para frente.

O grupo parou para ouvi-lo e ele aproveitou a situação para reiniciar o debate interrompido pelo café.

– Já que vocês tocaram neste assunto, beleza, vamos reiniciar nosso debate e falar um pouco sobre o que foi dito anteriormente.

– Eu já me esqueci da maioria – disse uma das professoras.

Jonas rebateu:

– Não se preocupe, elas foram gravadas, poderemos ouvi-las novamente.

– Não – disse Paulo. – Não será necessário.

– Todos sabemos o quanto fomos preconceituosos e temos condição de rever isso. Quem começa?

Diante do silêncio persistente, Jonas começou:

– Hoje eu sei que sofri duas violências. A primeira, quando criança, e a segunda, quando jovem. Minha mãe me amparou e me apoiou na primeira vez, mas na segunda, foram a dor e a impotência geradas pela minha demissão que me fizeram acordar. Eu estava careca por imposição da escola e ainda assim fui demitido. Nunca mais farei isso. Só corto o meu cabelo quando eu quero, quando me dá vontade.

Paulo continuou:

– Você é negro e passou por tudo isso. Eu sou branco, mas também me lembro do quanto eu queria usar cabelo comprido. A gente aprende que para

“ter boa aparência” o cabelo deve ser cortado bem curto, e eu odiava o corte zero, mas meu pai, que era militar, me obrigava a usá-lo. Eu queria ser como os roqueiros da minha rua, que tinham o cabelo comprido, mas meu pai dizia que cabelo comprido era coisa de “maricas”.

– Maricas? Que expressão mais antiga. Na minha época, a gente falava “bicha”, “veado” – interrompeu uma professora, que ainda acrescentou: – Agora, chamam de “biba”, “boiola”...

– “Gay” é melhor, mais politicamente correto – explicou Regiane.

– Gente, vocês interromperam o Paulo. Por favor, Paulo, continue.

– Como eu gostava de rock e para ser roqueiro eu tinha de ter cabelo comprido, pedi a minha mãe para não cortar, mas meu pai dizia que “todo cabeludo é vagabundo ou drogado”. Nunca vi os camaradas da rua usando drogas, mas, ainda que usassem, isso não era da conta do meu pai.

– A sua história mostra como os estereótipos associam aparência física a crenças falsas de conduta. Quem quer continuar?

– Eu quero. A família do meu marido nunca aceitou o nosso casamento porque, apesar de eu ter a pele clara, a minha mãe é negra e solteira. Eles queriam que o meu marido tivesse se casado com uma amiga da família, bem loirinha, mas ele quis a mim. Até hoje, quando tem alguma festa, eles adoram falar do meu cabelo, que é armado, então decidi gastar uma grana preta e fazer a escova definitiva. Quero ver quem vai falar agora!

– Desculpe, mas eu não acho que você deveria ter cedido aos familiares do seu marido. O seu cabelo retrata a sua origem, ou seja, a sua mãe negra, e quando você sente vergonha dele, também sente vergonha da sua mãe.

– Vamos encarar a verdade, cabelo liso é muito melhor!

– Melhor? Por quê?

– Porque é mais fácil de pentear.

– Ah, eu quero confessar uma coisa. Tenho esse cabelão liso que todo mundo acha lindo, mas o meu sonho era ter trancinhas, como as negras fazem, cheias de desenhos geométricos. Tentei fazer, mas como o meu cabelo é muito liso, não ficou bonito como eu queria.

– Vá entender! Quem tem “cabelo bom” quer “cabelo ruim”. Quem tem “ruim” quer “bom”.

Jonas objetou:

– Por que “ruim”? Por que “bom”? Vamos prestar mais atenção no significado da nossa linguagem, nas palavras que usamos, como, quando e por que as utilizamos. Hoje aprendemos muito ouvindo nossas histórias. Conhecemos um pouco as dificuldades de cada um em relação às diferenças e percebemos

o quanto nossas ações podem ser preconceituosas. *A percepção das diferenças* nos impele agora a dar o próximo passo rumo ao respeito, sem hierarquias, sem valorações, sem estereótipos. Como podemos chegar a este ponto?

– Com o conhecimento – respondeu Paulo.

– Ótima resposta, Paulo. Mas tenho outra questão a fazer – continuou Jonas. – Nesta tarde ouvi argumentações valorativas sobre a aparência dos cabelos das crianças que frequentam a escola onde vocês trabalham. “Fuá”, “pixaim”, “cabelo bom”, “cabelo ruim”... Quero propor um desafio. Temos ainda duas horas para finalizar esta formação. Eu vou deixar vocês sozinhos trabalhando juntos numa tarefa ampla.

– Jonas, você está passando uma lição de casa? – brincou Regiane.

– Estou, sim, passando uma lição para ser feita agora, aqui na Secretaria, e se vocês acharem necessário sair do prédio para realizá-la, fiquem à vontade.

– Oba! Dá pra passear um pouco aí fora – interrompeu a outra colega de equipe.

– O trabalho é o seguinte: 1º.) ler as Diretrizes Curriculares que orientam a Lei 10.639/03; 2º.) debatê-las coletivamente; 3º.) eleger e definir alguns conceitos-chave para o conhecimento da temática alusiva à lei; 4º.) relacionar estes conceitos com um tópico específico.

– Jonas, pelo amor de Deus, vamos precisar de dois dias para fazer tudo isso! Duas horas não dão – protestou uma integrante da equipe.

– Ora, vocês devem trabalhar em equipe e não em grupo – sugeriu Jonas.

– E qual é a diferença entre grupo e equipe? – questionou Paulo.

– Esta eu sei – disse a professora mais jovem. – Equipe, como no futebol, é composta por pessoas com diferentes habilidades. As pessoas não precisam ser amigas, mas trabalham objetivando “o gol”, ou melhor, “a vitória”. O grupo é mais personalista. Às vezes funciona como equipe, mas, em geral, é formado por afinidades, e aí, há aqueles que se encostam, não fazem nada e pedem para assinar o trabalho feito pelos outros.

– Então é melhor fazermos esta nossa equipe funcionar – completou a professora que antes havia pensado em escapar do trabalho.

– Só fiquei com uma dúvida, Jonas.

– Qual?

– Que lei é essa?

Todos riram. Jonas retrucou:

– Vocês que estão rindo conhecem a Lei 10.639/03?

Sem jeito, todos balançaram a cabeça negativamente.

– Muito bem. O jeito é ir até a biblioteca da Secretaria e solicitar uma cópia das diretrizes, que foram distribuídas para toda a rede pública, municipal e estadual. Com certeza, se vocês forem pesquisar na escola, encontrarão ao menos um exemplar.

– Jonas, eu tenho outra pergunta.

– Qual é?

– Você enumerou quatro tarefas, mas não disse, na última delas, qual será o tópico específico que servirá de exemplo para os conceitos pesquisados.

– É verdade. Eu me esqueci de dizer. Por favor, anotem. O tópico que vocês devem usar como exemplo é...

– Ééééé... – todos repetiram, em coro.

– CABELO!

– O quê?

– CABELO! É melhor se apressarem, o tempo está correndo.

PARTE 2 – APRENDENDO A FAZER

2.1 – Planejamento estratégico

Jonas cumpriu com a sua palavra. Saiu e deixou a equipe de professores ali, naquela sala ampla, onde outros especialistas orientavam atividades dos seus respectivos ouvintes. Alguns curiosos, vendo Jonas se afastar, apressaram-se em perguntar por que ele havia ido embora, se ele discutiu com alguém, se todos haviam sido dispensados da formação antes da hora... Tantas questões que evidenciavam não só a curiosidade dos colegas presentes naquele curso, mas também certo preconceito com relação à atitude diferenciada tomada por Jonas. Essa sensação fez Regiane sugerir aos seus pares:

– Pessoal, se a gente é uma equipe, vamos definir estratégias. Somos seis pessoas. Duas de nós vão à biblioteca procurar as tais diretrizes. O Paulo, que é historiador, poderia elaborar um plano de aula para a gente definir os objetivos e a metodologia. Você [Marta], que fez escova progressiva, e eu, que uso entrelaçamento, poderíamos listar algumas palavras que se relacionam com o tema cabelo. O Jonas salientou que devemos atentar para a linguagem. Vocês concordam?

– Sim – responderam em coro.

– Pessoal, eu quero falar uma coisa – pediu uma das professoras. – Na minha opinião, o primeiro conceito que nós deveríamos eleger é “raça”, porque ora dizem que raça não existe, ora existe. Dá pra entender?

– Boa idéia. Quais seriam os outros?

- Vamos defini-los depois da leitura das Diretrizes Curriculares.
- Então, mãos à obra!
- Esperem um pouco. Vamos marcar um horário para nos reencontrarmos. Daqui a meia hora, ok?
- Ok.

Não foi difícil à dupla de professoras encontrar um exemplar das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. O exemplar obtido na biblioteca foi editado pelo Ministério da Educação em junho de 2005 e apresenta, com destaque, uma foto (em preto-e-branco) de uma menina negra e, ao fundo, duas outras meninas brancas concentradas na realização de uma atividade em sala de aula.

- Olhe, essa menina parece a Sarah – comentou uma das professoras.
- É mesmo. Vamos voltar para a sala.

Paulo, ansioso, ainda não havia escrito nada. Quando as suas colegas chegaram com o exemplar, ele disse:

- Eu não sei nada sobre essa lei. Por isso não consegui planejar nada ainda.
- Vamos começar a ler.
- Eu sinto sono quando leio.
- Você não terá tempo pra isso e nós não vamos deixar você dormir. Cada um lê um parágrafo e aí todo mundo presta atenção.

Regiane e sua colega pararam de escrever para participar da leitura coletiva. Num determinado momento, decidiram comentar o seguinte trecho:

“(...) todos os alunos negros e não negros, bem como os seus professores, precisam sentir-se valorizados e apoiados. Depende também, de maneira decisiva, da reeducação das relações entre negros e brancos, o que aqui estamos designando como relações étnico-raciais.” (2005, 13)

- Meu Deus! Nunca valorizei a cultura negra, muito menos as crianças “pobrinhas”.
- Nós também não temos valorizado o nosso próprio trabalho e isso precisa mudar.

2.2 – Conceitos

Um breve silêncio fez a equipe entreolhar-se, porém a voz enfática da professora Marta determinou:

- Vamos continuar a leitura das diretrizes.

*“É importante destacar que se entende por **raça** a construção social forjada nas tensas relações entre negros e brancos, muitas vezes simuladas como harmoniosas, nada tendo a ver com o conceito biológico de raça cunhado no século XVIII e hoje sobejamente superado. Cabe esclarecer que o termo **raça** é utilizado com frequência nas relações sociais brasileiras, para informar como determinadas características físicas, como cor da pele, tipo de cabelo, entre outras, influenciam, interferem e até mesmo determinam o destino e o lugar social dos sujeitos no interior da sociedade brasileira.”*

– Oba, já encontramos o significado do termo *raça*, inclusive com a exemplificação do cabelo como característica, que determina a categorização dos indivíduos.

– É verdade, mas este conceito ainda pode ser complementado. Rapidamente Paulo abriu sua mochila repleta de livros. Escolheu um, folheou e começou a ler:

No início do século XVI, a palavra *raça* surge na língua inglesa como designação de características comuns oriundas de uma mesma ascendência. Esta idéia permanece até o começo do século XIX, quando o termo ganha outras significações, algumas valorativas e associadas a *estereótipos* (ver *Racismo*). A escola francesa “racialista” (século XIX e início do XX) produziu estudos posteriormente rechaçados, associando aspectos físicos a características psicológicas, estabelecendo como parâmetro de superioridade étnica o homem branco europeu. Após a Segunda Guerra Mundial, estudos patrocinados pela Unesco, realizados por antropólogos, biólogos, geneticistas, cientistas sociais, demonstram que o ser humano pode ter um *continuum* de variações da sua aparência, portanto, as variações fenotípicas não impedem a convivência e a reprodução da espécie humana. Os fenótipos (características físicas, como cor da pele, tipo de cabelo, formato do nariz) tendem, com a miscigenação, a se alterar ou a se manter.

– Paulo, que legal. Eu não tinha idéia de que a palavra “*raça*” havia passado por essa mudança de significado. Mas você leu algo sobre “*racismo*” e “*estereótipo*”, não leu?

– Li, são outros conceitos relacionados. Vamos pesquisá-los. *Racismo* tem aqui.

– Onde? Quem é o racista?

(Risos.)

- Aqui, no mesmo livro.
- Então leia, por favor.

Racismo – A expansão colonial da Europa iniciada no século XVI propiciou o contato entre diferentes povos. Ásia, África, Américas e Caribe tornam-se colônias europeias, e os seres fenotipicamente diferentes passam a ser considerados “inferiores” pelos estudiosos racialistas, cuja produção “pseudocientífica” tenta legitimar a dominação. Nesses estudos, características físicas como tamanho e formato da cabeça e cor da pele determinariam a inteligência, a beleza, o comportamento desviante nas práticas sexuais e as tendências criminais. Esses estereótipos são, em parte, incorporados ao imaginário social e compõem o senso comum das pessoas, que passam a acreditar na falsa “superioridade” da raça branca (europeia) sobre as demais raças humanas. Há quem considere a beleza física como atributo particular aos brancos, de olhos claros e cabelos loiros, e não conseguem conceber a beleza física a outros grupos étnico-raciais, como indígenas, africanos e asiáticos. O racismo tem sido historicamente exercido pelos poderes político, econômico, físico (repressivo) e psicológico, inculcando valores e estereótipos contrários aos grupos considerados “inferiores”.

- Então os conceitos de racismo e estereótipo estão ligados.

– De certo modo, sim. E não nos esqueçamos de que o preconceito também se alimenta de estereótipos.

- Nossa, você está falando bonito.

– É porque eu li sobre estereótipo quando estava preparando uma aula sobre o Dia Internacional da Mulher.

- E o que você leu?

– Li uma reportagem que falava sobre as conquistas feministas e a necessidade de superação dos preconceitos, pois as mulheres com a mesma escolaridade que a dos homens ganham salários mais baixos e, quando elas são negras, a discriminação é ainda maior. A matéria também exemplificava situações de preconceitos contra as mulheres, baseados em estereótipos como “toda loira é burra” e “mulher dirige mal”.

- Isso é estereótipo?

Estereótipo – É a falsa crença sobre determinados indiví-

duos ou grupos étnicos baseada numa discrepância entre a realidade objetivamente discernível e a percepção subjetiva dessa realidade. Os estereótipos generalizam excessivamente os comportamentos, características ou atributos das pessoas e, por isso, corroboram a prática do preconceito. Há quem realmente acredite que “todos os negros cheiram mal”, ou que “todos os negros cantem bem, ou sejam ótimos atletas”. Negativos ou positivos, esse tipo de crença tende ao preconceito, ampliando a toda uma coletividade comportamentos ou situações individuais. Judeus, asiáticos, mulheres, pessoas obesas são, em geral, protagonistas de estereótipos. Outros exemplos: “toda loira é burra”, “todo japonês é inteligente”, “todo judeu é sovina” etc. Os estereótipos devem ser combatidos, questionados e refletidos. Por que eles foram elaborados? Diferenças históricas de classe social e de acesso ao poder são algumas das razões que podem explicar o surgimento dessas idéias falsas.

– Paulo, por favor, comece a escrever nosso plano de aula.

– Vamos lá.

– Objetivo geral: conhecer as Diretrizes Curriculares referentes à Lei 10.639/03.

Objetivos específicos: definir: preconceito, raça, racismo, estereótipo.

– Esses conceitos nós já matamos. Há outros?

– Sim.

– Quais?

– Aqui, na página 23 das diretrizes, há um parágrafo que sugere:

“Introdução, nos cursos de formação de professores e de outros profissionais de educação: de análises das relações sociais e raciais no Brasil, de conceitos e de suas bases teóricas, tais como racismo, discriminações, intolerância, preconceito, estereótipo, raça, etnia, cultura, classe social, diversidade...”
(2005, 23)

– Nós temos pouco tempo para fazer a atividade que o Jonas pediu. Vamos escolher e definir outros conceitos e relacioná-los ao “cabelo”.

– Então acho que seria legal definir “cabelo”.

– “Cabelo bom” e “cabelo ruim”?

– Nossa, que recaída! Você se esqueceu do que o Jonas disse antes de nos dar esta atividade? Ele falou em “observarmos a nossa linguagem e evitarmos valorações”.

- Valorações?
- É o uso de adjetivos qualificando tudo.
- Desculpem-me por “valorar” os tipos de cabelo. É o hábito.
- Esse hábito não é só seu. A partir de hoje, vamos tomar cuidado com as adjetivações. Afinal, por que um “cabelo é bom” e o outro é “ruim”?

2.3 – Contexto histórico e interdisciplinaridade

- Essa questão pode ajudar a redação de um projeto.
- Paulo, não inventa. Você tem de redigir um plano de aula.
- É verdade, mas já listamos alguns conceitos bem amplos, que não se esgotariam numa aula, a menos que nós trabalhássemos interdisciplinarmente.
- Juntar todas as áreas?
- Não. A simples junção não qualifica a interdisciplinaridade.
- Então não entendi.
- Ouçam esta explicação:

*“A **interdisciplinaridade** deve ser entendida como caminho viável à prática educativa, pois ela aproxima e, por vezes, ultrapassa diferentes disciplinas, que se utilizam de temas geradores, comuns, aprofundados em cada quadro de referência da pesquisa disciplinar. Desse modo, a obrigatoriedade do ensino de história da África e da cultura afro-brasileira nas escolas possibilita o exercício interdisciplinar entre fatos históricos, geográficos, lingüísticos, artísticos e até matemáticos, referentes ao tema gerador.” (Malachias, 2004)*

– Então, se eu entendi, podemos escolher “cabelo” como tema gerador e, a partir dele, cada um de nós pesquisaria, na sua área, possíveis abordagens de conhecimento complementar.

- É isso.
- Vamos voltar à biblioteca e pegar um bom dicionário que nos ajude a contextualizar esta tarefa. Paulo, dê mais uma olhada na sua mochila e veja se há outro livro interessante...

Empolgada com a atividade e com a possibilidade de aprender, a equipe de professores reuniu, na primeira hora, os elementos necessários para a realização da tarefa.

- Ouçam todos. Vocês conhecem a definição de cabelo?

O cabelo constitui uma das bases tradicionais para a classificação das raças humanas, devido ao seu crescimento, à sua forma e à sua aparência. Conquanto a estrutura geral dos cabelos seja semelhante, é fato reconhecido que algumas variações podem ocorrer entre os diversos grupos étnicos. Comprimento, cor e tipo são as características identificáveis a olho nu; tais particularidades se correlacionam com os dados obtidos mediante a análise microscópica dos cabelos, o que possibilita ao etnólogo distinguir os grupos raciais dessa ou daquela região. Certas diferenças microscópicas, se confirmadas estatisticamente em um bom número de amostragens, constituem informações específicas suficientes para determinar a origem racial. Com o progresso das investigações antropológicas e etnológicas no século XX, definiu-se uma tendência geral em classificar os cabelos nas seguintes categorias: (1) liso, (2) ondulado, (3) crespo, (4) frisado ou encrespado, (5) lanudo e (6) encarapinhado, isto é, distribuído em maior ou menor grau em pequenas espirais fechadas. Com base nesse sistema, pode-se dizer, por exemplo, que os chineses e os indígenas americanos possuem o cabelo liso; as raças negras africanas, frisado ou encrespado, lanudo e encarapinhado; as raças brancas européias, ondulado e crespo etc. (Fonte: *Delta Larousse*. Extrato do verbete “cabelo”.)

– Pessoal, agora está óbvia, pra mim, a ligação entre o conceito biológico e a interpretação cultural – argumentou Regiane.

– Quando eu fiz pedagogia, havia uma disciplina chamada Antropologia e Educação. Lembro-me de um texto que mostrava como a diversidade cultural influencia o comportamento social da humanidade, apesar da comprovada unidade biológica.

(Marta) – Você está querendo dizer que a “raça humana” é única, independentemente da cor da pele e do tipo de cabelo.

(Regiane) – Isso mesmo. Você entendeu. Mas a cultura, que é formada pelo conhecimento e pela produção material e imaterial da humanidade, abre portas para interpretações próprias dos fatos e das pessoas.

(Paulo) – Meninas, não se esqueçam de que estas interpretações estão relacionadas aos fatos históricos e à relação entre dominadores e dominados.

(Marta) – Os dominadores, no caso da colonização, foram os europeus, e os dominados foram os indígenas e os africanos.

(Regiane) – Dominados em termos, porque nós sabemos que os índios e os negros sempre criaram resistência.

– Como colocar tudo isso no papel? – perguntou a outra professora que compunha a equipe.

– Vamos colocar como objetivo geral a desconstrução do estereótipo que considera “bom” o cabelo dos brancos e “ruim” o cabelo dos afro-descendentes.

– E nos objetivos específicos?

– Escreva aí: “Demonstrar como o ensino de história foi influenciado pelo racismo que hierarquiza os grupos humanos”.

– Escreve outro: “Reconhecer e combater os preconceitos”.

– Mais um: “Questionar criticamente os estereótipos”.

– Eu quero sugerir outro objetivo, que tem a ver comigo: “Não discriminar negativamente as pessoas”.

– Ei, amiga, este objetivo tem a ver com todos nós.

O verbo *discriminar* significa o ato de diferenciar, separar, distinguir. Na sociedade, a discriminação representa a atitude que promove o tratamento desigual motivado pela não-aceitação das diferenças de *classe social*, *raça/etnia* e *gênero*. Historicamente alguns grupos são considerados e tratados como minorias políticas, sendo, em geral, alvo dessas atitudes discriminatórias e, em alguns países, separatistas: população negra (afro-descendentes), população indígena e mulheres. Outros grupos também sofrem com a discriminação: homossexuais, lésbicas, portadores de deficiência, idosos, estrangeiros...

Importante: a organização política desses grupos em movimentos sociais (de negros, mulheres, homossexuais...) favoreceu o surgimento de um novo conceito: *ações afirmativas*, que podem sintetizar uma *discriminação positiva*, para incluir os historicamente excluídos.

PARTE 3 – APRENDENDO A CONVIVER COM AS DIFERENÇAS

Em 1888, o Brasil foi o último país do mundo a abolir a escravidão. O século XIX chegava ao fim, e esse período histórico demarca o surgimento do temor e, de certo modo, a repulsa da sociedade de um escurecimento epidérmico, possível pela presença populacional de uma imensa massa de

negros livres. A miscigenação passa a ser vista como antítese, pois ela poderia provocar o branqueamento populacional, mas também seria responsável pela “degenerescência” brasileira.

Gilberto Freyre ilustra a perspectiva culturalista, correspondente à primeira interpretação da antítese, na qual a riqueza cultural do povo brasileiro resultaria da junção de três povos distintos: indígenas, europeus e africanos. Autor da obra *Casa-grande & senzala*, Freyre reconhece a importância da presença africana no Brasil, e o seu pensamento consolidará o “mito da democracia racial”.

A outra face da antítese é adepta das idéias que associavam os povos ao meio e ao clima. Nessa perspectiva, a miscigenação era considerada algo prejudicial, capaz de degenerar a população brasileira. Sílvio Romero publica o ensaio *História da literatura brasileira* em 1888 (ano da Abolição). Nina Rodrigues escreve em fins dos anos 1890 e início do século XX. Euclides da Cunha publica *Os sertões* em 1903. Precursores das ciências sociais no país, esses autores evidenciam em suas obras um contorno

“claramente racista, apontando para outro elemento: a problemática da identidade nacional” (Ortiz, 1994).

Apesar de inverídica e absurda, a idéia de que negros e indígenas eram “preguiçosos” e “indolentes” ganha força no imaginário social. Vítimas iniciais da violência colonial, desenvolvem, ao longo da história, resistências culturais e políticas denominadas transculturação. Com o passar dos séculos, apesar de todo o trabalho realizado para a construção das riquezas do Brasil, esses povos foram mantidos na base da pirâmide. Porém, em movimentos organizados desenvolvem ininterruptamente estratégias para uma luta social de classes, na qual a questão étnico-racial, apesar de negada por muitos como fato importante, torna-se objetivo primordial.

3.1 – Transculturações e africanidades

Cabe ressaltar que não negamos a participação dos imigrantes europeus nesse trabalho de construção de uma nação brasileira, porém, precisamos considerar quais foram as condições históricas dessa participação. Afinal, apesar das dificuldades e sofrimentos vivenciados pelos imigrantes, a escravidão implicou a expropriação plena de seres humanos, que foram aprisionados, arrancados de sua terra e transportados, sob tortura e condições subumanas, a outros continentes que os acolheram como trabalhadores escravizados, portanto, sem direitos. Ainda assim, a transculturação enquanto movimento de resistência produziu africanidades internacionais e brasileiras na linguagem e na literatura; no trabalho e na tecnologia; na religiosidade, na culinária e na ecologia; na dança e na produção musical...

Outra dimensão de mobilização anti-racista e anticolonialista foi o movimento Negritude, elaborado por poetas e intelectuais de expressão francesa como Aimé Césaire, Léon Damas, Alioune Diop e Léopold Sédar Senghor. A Negritude fortaleceu o movimento pan-africanista defendido por estadistas africanos como Kwame Nkrumah, Julius Nyerere e Jomo Kenyatta, e intelectuais como Frantz Fanon, Albert Memmi, George Padmore. O pan-africanismo tanto defendia o retorno à África quanto a criação de uma unidade africana capaz de se contrapor às ações coloniais da Europa.

Embora as transculturações sejam contínuas nos diferentes tempos históricos, a eficácia da ideologia racista se consolidou na absorção – por parte da sociedade internacional e, no Brasil, principalmente pela instituição escolar – da crença na superioridade européia (e posteriormente norte-americana) em relação aos demais povos.

Para esse tipo de mentalidade, “ser negro”, ao contrário do que ocorre com a condição de “ser branco”, não implica valor nem positividade. A pessoa negra recebe tratamento diferenciado, sendo considerada “inferior” e passível de piadas. As características fenotípicas, como a espessura dos lábios, o formato do nariz e a textura capilar, nessa mentalidade brasileira cristalizada, tornam-se marcas relevantes para a classificação das pessoas consideradas bonitas ou feias. Assim, quem possui “características caucasianas” – pele branca, nariz afilado, lábios finos, cabelo liso – entra na categoria das pessoas bonitas e quem possui “características negróides” (nariz largo, cabelo lanudo e/ou crespo, lábios grossos) seria despojado de uma categorização positiva, não sendo considerado belo.

Esse tipo de mentalidade preconceituosa e valorativa tem sua origem histórica. Vamos, neste momento, tentar conhecê-la, relacionando algumas das argumentações feitas até agora pelos personagens (professores), que aparecem neste livro com uma gama de conceitos (racismo, preconceito, estereótipo, discriminação...) cujo conhecimento e identificação podem propiciar ações didáticas e pedagógicas, na sala de aula e na escola como um todo, para o respeito às diferenças e o exercício da igualdade racial.

Se o conceito de racismo surge na Europa no século XIX, ele chega ao Brasil com vigor exatamente no período pós-Abolição. O começo do século XX foi, portanto, uma época na qual essas idéias de superioridade européia e inferioridade africana eram consideradas um fato. Ainda assim, a população negra, que de alguma forma tinha acesso à educação, continuava a expressar as suas resistências. A Imprensa Negra em São Paulo é um forte exemplo dessa mobilização étnica e política, que surgia após o movimento Negritude ter ocorrido na França e ainda em meio às influências pan-africanistas. Passados apenas 28 anos da Abolição foi fundado, em 1916, o periódico *O Menelike*, cujo teor manifestava uma consciência racial nascente.

Outros títulos foram surgindo: *O Bandeirante* (1918), *O Alfinete* (1918), *A Liberdade* (1919), *O Kosmos* (1924), *O Elite* (1924), *O Patrocínio* (1925), *Auriverde* (1928). Esses jornais exemplificam a ação de jovens negros como José Correia Leite, Vicente Ferreira e Jayme Aguiar, fundadores dos jornais *O Clarim* e *O Clarim da Alvorada*.

A Frente Negra Brasileira foi fundada em 1931 como o primeiro movimento negro de cunho político do país. Os jovens negros Correia Leite, Gervásio de Moraes, Raul Amaral, Arlindo e Isaltino Veiga dos Santos integraram a liderança dessa entidade, que *marcou a culminação de uma consciência negra e de um movimento que vinham se formando através de mais de uma década*.

Para a cientista social Elisa Larkin Nascimento,

“a história brasileira tem sido distorcida ao esconder essa realidade, escamoteando a atuação militante negra, fora do âmbito cultural e/ou diversionista” (Nascimento, 1981, p. 178 e 181).

Por volta de 1920, em São Paulo criou-se o Centro Cívico Palmares, que fez sua primeira e importante denúncia aludindo à proibição da admissão de negros na Guarda Civil. Nas demais cidades do estado o fato contribuiu para a proliferação de entidades negras.

A mobilização da população era feita através da organização de atividades sociais de cunho recreativo. Os bailes eram os eventos mais esperados e propiciavam lazer, sociabilidade, mas também a possibilidade de divulgação do trabalho realizado em prol dos negros. Em depoimento sobre a sua vida, o jornalista Correia Leite, falecido no início dos anos 90, afirmaria que os bailes eram o *ponto forte da distribuição* dos jornais da época.

Na década de 40, o Teatro Experimental do Negro (TEN) foi fundado pelo economista e intelectual Abdias do Nascimento, que ficou indignado ao assistir na cidade de Lima (Peru) à peça *Imperador Jones*, escrita pelo autor afro-americano Eugene O’Neal e encenada por um ator branco pintado de preto. Naquele momento Abdias se deu conta de que, no Brasil, ocorria o mesmo. O TEN foi a primeira companhia formada exclusivamente por atores negros, dentre os quais a atriz Ruth de Souza. O grupo encenou peças importantes e conquistou notoriedade internacional por questionar o racismo e a exclusão dos negros brasileiros.

3.2 – Cabelo ruim, cabelo bom: introjeção ideológica

É interessante aproximar a fala de Correia Leite sobre a importância do baile como um evento de sociabilidade e também de militância política – na medida em que era um espaço para a distribuição dos jornais negros – à crí-

tica feita por Elisa Nascimento a uma visão histórica que insiste em colocar os negros nos espaços lúdicos, negando a essa população a participação social em outras áreas da sociedade. Ambas as argumentações nos ajudam a mostrar como a “apresentação pessoal” ganha notório valor na sociedade brasileira. Jornais da Imprensa Negra farão recomendações aos seus leitores sobre o modo de trajar e caminhar, evidenciando uma preocupação com a aparência exterior, cada vez mais valorizada pela sociedade branca.

Os cabelos eram alisados não por falta de consciência, mas pela crença de que, dessa forma, mulheres e homens negros seriam aceitos no mercado de trabalho, repleto de imigrantes e excludente aos negros em geral. Embora haja uma idéia de que os europeus eram mais preparados para o trabalho industrial que os afro-brasileiros, a historiografia recente tem rechaçado esta falácia, uma vez que grande parcela dos imigrantes era camponesa e nunca havia trabalhado em fábricas. Portanto, assim como os escravizados, os trabalhadores europeus tinham mais proximidade com a agricultura.

Porém, uma das possibilidades para justificar e legitimar a exclusão dos ex-escravizados do mercado formal de trabalho era a propagação de uma crença na incapacidade dessa população de ocupar espaço nas indústrias que começavam a nascer na cidade de São Paulo.

O imaginário contrário à aparência dos negros tem como aliadas as músicas carnavalescas compostas no início e em meados do século XX.

*Nega do cabelo duro
Qual é o pente que te penteia?
Qual é o pente que te penteia, ó nega?
(Autores: David Nasser e Rubens Soares, 1942)*

Há quase sete décadas, a música “Nega do cabelo duro” vem sendo cantada nos carnavais brasileiros. A letra dessa marchinha “brinca” com a impossibilidade de pentear o cabelo de uma mulher negra, devido à textura da fibra capilar. Ou seja, não haveria pente capaz de pentear o cabelo crespo, “duro”, da personagem.

Dez anos antes, em 1932, outra marchinha carnavalesca, composta por Lamartine Babo e os Irmãos Valença, “brincaria” com a diferença étnica e fenotípica expressa nos cabelos das mulheres negras. Os versos da música são, também, reveladores do que se passa(va) no inconsciente das pessoas (homens brancos) quando o assunto era assumir um romance inter-racial.

*O teu cabelo não nega, mulata
Porque és mulata na cor
Mas como a cor não pega, mulata
Mulata, quero o teu amor.*

O verso demonstra que a classificação étnico-racial da personagem foi feita pelo homem que se interessou por ela, a partir de observações fenotípicas, ou seja, das características físicas da “mulata”, como a cor da pele e o tipo de cabelo. O personagem masculino explicita que, para ele, o romance seria possível, porque ele tinha a certeza de que, embora tivesse contato físico com a “mulata”, a cor dela “jamais pegaria nele”. Portanto, ele permaneceria branco, isento deste risco. O risco de “se tornar negro”.

Na primeira história narrada neste livro – a conversa entre as duas professoras e as alternativas que encontraram para “domar” os seus cabelos crespos –, nenhuma das personagens foi etnicamente descrita. Ou seja, a narrativa não explicitou sinais fenotípicos das amigas, portanto, a nossa imaginação, como acontece na literatura ou em programas radiofônicos, ficou livre para pensá-las como sendo mulheres brancas, negras ou miscigenadas. Sabemos, apenas, que ambas sonham ter “um cabelão” liso, “bom”.

Já na segunda história, todas as personagens foram descritas por sua cor, pertencimento étnico e classe social. As duas meninas, Marina e Sarah, a professora Regiane, a avó dona Odete e a mãe, Ilda. Por que a diferença redacional?

A pobreza não impede que a avó de Sarah cuide do cabelo da neta. Mas Ilda, mãe de Marina, depende da irmã de seu marido para pentear o cabelo de sua filha. Poderíamos deduzir que Ilda, por ser branca e ter cabelos lisos, nunca aprendeu a cuidar de cabelos crespos. Sua cunhada e a sua vizinha, dona Odete, ambas mulheres negras, com toda a certeza cresceram ouvindo piadas e as músicas acima citadas satirizando os seus cabelos.

“Nega do cabelo duro, qual é o pente que te penteia?” é uma pergunta



O desenho foi feito por Amanda Silva Teixeira, menina negra, aos 5 anos de idade e retrata positivamente uma mulher negra. Questionada sobre o desenho, Amanda explicou: “É a minha tia Helena, dançando”. Observação: a festa retratava os anos 70 e o Movimento Black Power. Os convidados usavam penteados da época.

que grande parcela de meninas negras ouve na escola, e quem pergunta são os seus colegas (colegas?). Mas há também pessoas brancas com ascendência africana. A frase que ouvem com frequência é “você é branco(a), mas o teu cabelo não nega”; e aí, a alternativa que lhes resta é agir como as professoras da primeira história: ou tentam o alisamento constante tornando-se escravos(as) (sim, a palavra é esta) do gel e demais produtos redutores de volume, ou assumem seus cachos crespos com orgulho.

3.3 – Bem *versus* mal. Luz *versus* trevas

No dicionário, o adjetivo bom define algo ou alguém “de qualidade adequada, satisfatória, favorável, perfeito, completo, caritativo, misericordioso...”. O adjetivo ruim, ao contrário, refere-se ao que é “mau, inútil, estragado, perverso”.

O bem é virtude. O mal é defeito. *Ser bom* também remete a valores como honestidade, justiça, solidariedade, enquanto *ser ruim* (*ser mau*) provoca aversão, medo, repulsa, dor, insatisfação.

Mais que antônimos, os adjetivos *bom* e *ruim* sintetizam o maniqueísmo, doutrina fundada no século III pelo sacerdote persa Mani, que acreditava ser responsável pela condução do cristianismo à perfeição. Mani uniu elementos gnósticos, cristãos e orientais, sintetizando dois princípios antagônicos: a luz e as trevas, ou seja, o bem e o mal. A luz expressa a claridade, a brancura e a pureza. As trevas, em oposição, são sinônimo de escuridão e de terror. Elas são “o lado negro” indesejável.

Todos querem ser bons ou vivenciar o bem. Ser ruim é algo indesejável, embora a maldade possa produzir sentimentos contraditórios de poder. Com certeza, as amigas professoras que sonham ter “cabelo bom” não atentaram para a assimilação naturalizada dessas idéias. Ambas expressaram preconceitos e, nas suas respectivas salas de aula, agem com *discriminação* e podem realmente não ser *racistas*. Como isso é possível?

A pseudociência representada pelo racismo fundamentou, com eficácia, a idéia da existência de uma superioridade intelectual dos brancos sobre os demais grupos étnicos. Legitimado por estereótipos e fortalecido pelos preconceitos, o racismo se concretiza negativamente nas atitudes de discriminação, que exclui e impede as pessoas negras de terem oportunidades de estudo, trabalho e saúde da mesma forma que as pessoas brancas conseguem. Pesquisas qualitativas e quantitativas produzidas por institutos renomados no país (IBGE, IPEA, Fundação Seade) e no exterior constataram tamanha desigualdade, que se reflete no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) brasileiro.

Concomitantemente à vivência das desigualdades materiais, a população negra sofre com o desrespeito a sua cultura. A intolerância em relação

às religiões de matrizes africanas, como o candomblé, tem sido manifestada na mídia. Programas televisivos desqualificam, desrespeitam e demonizam a religiosidade afro-brasileira.

Vemos, nesse caso, mais uma vez, a oposição bem *versus* mal. Por trás da idéia do mal estariam os candomblés e seus sacerdotes – ialorixás e babalorixás. De forma objetiva e também subliminar, a cultura negra é associada à ruindade e ao “diabo”. Inegavelmente, a oposição bondade/maldade tem sido ideologicamente vinculada ao pertencimento étnico, expresso nos exemplos abaixo descritos:

Cabelo bom = cabelo liso = cabelo de pessoas brancas e/ou asiáticas.

Cabelo ruim = cabelo crespo/duro = cabelo de pessoas negras e/ou miscigenadas.

3.4 – Reflexão necessária

A personagem Marina – como muitas crianças que vocês, leitores(as), conhecem – precisa de cuidados. O cuidado é um direito que cabe a Marina e a qualquer criança, porém nem sempre ele é exercido. Ainda assim, a mãe de Marina afirma: “Quando ela quer, ela penteia o cabelo”.

Ora, as mulheres negras que estão neste momento lendo este capítulo vivenciaram, em algum momento da vida, a dor sentida no ato de desembaraçar o cabelo crespo, sem a aplicação de um creme para pentear. Mas as mulheres brancas que têm cabelos lisos, compridos ou não, também senti-



ram, em algum momento da vida, a dor no couro cabeludo provocada pelo desembaraçar dos nós dos fios capilares.

Cada pessoa, a seu modo, vivencia o aprendizado do cuidar-se. As diferenças de classe podem implicar a facilidade do consumo de produtos e bens cosméticos, por sua vez, a diferença étnica e cultural implica a experiência de estilos de ser e de pentear próprios aos diferentes grupos. Exemplo: as tranças são um penteado característico das pessoas negras. Felizmente, nada impede que sejam usadas por pessoas de outros grupos étnicos. O mesmo deveria ocorrer com o alisamento, ou seja, alisar o cabelo deveria ser uma opção e não uma obsessão.

A negação de outros padrões de beleza transformou o cabelo liso em referencial máximo de beleza – e isto não é aceitável porque não corresponde à realidade, pois a diversidade étnica propicia diferentes estilos de beleza.

A reflexão dessa imposição vem sendo feita há décadas pelo ativismo social, do qual citamos dois: o Movimento Negro e o Movimento Feminista. O primeiro negando o eurocentrismo como único parâmetro do conhecimento e promovendo um retorno à África tanto na tentativa de fortalecimento identitário-cultural quanto político. O segundo questionando o lugar da mulher na sociedade e a crescente coisificação do corpo feminino, utilizado como objeto de consumo masculino e desprovido de consciência própria.



Angela Davis, ativista afro-americana se torna símbolo do movimento político Black Power. Ver: <http://www.mindfully.org/Reform/Angela-Davis-James-Baldwin19nov70.htm>

Como estamos preocupados com o desvelar de sentidos inerentes à idéia de “cabelo bom e cabelo ruim”, somos compelidos a ampliar nosso olhar crítico às mensagens propagadas pelas diferentes mídias. A comunicação aproximou o mundo e, por conseguinte, propiciou a ampliação e a internacionalização das lutas travadas pelos segmentos populacionais discriminados em todo o mundo.

Não foi diferente com os negros e com as mulheres. A década de 60 foi crucial para a explosão das reivindicações desses grupos. Não que elas não ocorressem antes – já falamos sobre isso –, mas, fundamentalmente, tanto a produção artístico-cultural quanto a produção intelectual sofreram um *boom* nesse período histórico.

A luta pelos direitos civis dos negros norte-americanos chega na década seguinte ao Bra-

sil, atingindo em cheio a juventude negra, que, em plena ditadura militar, buscava o seu reconhecimento cidadão. Como resposta a essa atitude, os jovens negros do sexo masculino eram (e ainda são) considerados os “suspeitos” em potencial e, por isso, regular e constantemente vivenciavam a humilhante revista policial, popularmente conhecida como “geral”.

E foi justamente a violência perpetrada contra o jovem Robson da Luz, que em 1978 foi preso injustamente, torturado e morto dentro de um Distrito Policial, que provocou uma reação inesperada para a época. Centenas de jovens negros saíram em passeada pelas ruas da cidade de São Paulo denunciando a discriminação racial e a violência policial. Nascia o Movimento Negro Unificado, entidade que num curto período de tempo atingiu, após esse ato, nível nacional, com representantes em todo o país.

Embora as marchas carnavalescas “Nega do cabelo duro” e “O teu cabelo não nega” continuassem a ser executadas no carnaval, a forte mobilização negra nos Estados Unidos e a emergente mobilização dos negros no Brasil são observadas por dois jovens compositores, os irmãos Marcos e Paulo Sérgio Valle, autores da música “Black is beautiful”, gravada por Elis Regina, cantora que sempre questionou os padrões sociais impostos às mulheres de sua época. O trio fez sucesso, embora contrariasse, com essa canção, as elites conservadoras. A crítica feita no jornal *Folha de S.Paulo*, de 1971, escrita pela articulista Lenita Miranda de Figueiredo, é emblemática desse incômodo. Figueiredo discorda da postura do trio, que estaria fomentando um racismo inexistente no Brasil. “Um perigo.”

Na letra, o questionamento da beleza branca é feito de maneira explícita:

Black is beautiful
(Marcos Valle e Paulo Sérgio Valle)
Hoje cedo na rua do Ouvidor
quantos brancos horríveis eu vi
eu quero esse homem de cor
um deus negro do Congo ou daqui
Hoje cedo amante negro eu vou
enfeitar o meu corpo no seu
eu quero esse homem de cor
um deus negro do Congo ou daqui
que se integre no meu sangue europeu
black is beautiful, black is beautiful
black beauty so beautiful
I wanna a black, I wanna a beautiful
I wanna a black, I wanna a beautiful
que se integre no meu sangue europeu
black is beautiful, black is beautiful

*black beauty so beautiful
I wanna a black, I wanna a beautiful
I wanna a black, I wanna a beautiful*

3.5 – Cabelo “black pau”

*Que bloco é esse? Eu quero saber.
É o mundo negro que viemos mostrar pra você (pra você).
Somo crioulo doido como bem legal.
Temo cabelo duro como black pau.
Somo crioulo doido como bem legal.
Temo cabelo duro como black pau.
Branco, se você soubesse o valor que o preto tem,
Tu tomava um banho de piche, branco, e ficava preto também.
E não te ensino a minha malandragem
Nem tampouco minha filosofia, por quê?
Quem dá luz a cego é bengala branca e Santa Luzia.
(Autor: Paulinho Camafeu, do Ilê Aiê)*

Em 1966, após a sua 27ª detenção, Stokely Carmichael, ativista afro-americano considerado radical por discordar do discurso pacifista de Martin Luther King Jr., declarou: “Estamos gritando liberdade há seis anos. O que vamos começar a dizer agora é poder negro”. Para ele, além da política, o poder negro também passava pela questão estética, e uma estética própria, inspirada na África. Estampas, batas, cabelos trançados e o cabelo crespo, arredondado, conhecido como “black power” (poder negro) tornaram-se referência internacional desse movimento político.

No mesmo período, o Brasil vivenciava o início do governo militar. Abdias Nascimento, fundador do TEN (1944), exilou-se nos Estados Unidos e elaborou o conceito de quilombismo, que *almeja a construção de um Estado voltado para a convivência igualitária de todos os componentes da população, preservando-se e respeitando-se a pluralidade de identidades e matrizes culturais.*

Em 2006, aos 92 anos, por ocasião do recebimento do título de doutor *honoris causa* da UFBA (Universidade Federal da Bahia), Abdias do Nascimento voltou a definir, no seu pronunciamento, quilombismo como uma *verdadeira democracia, que passa obrigatoriamente pela efetiva implantação de políticas compensatórias e de ação afirmativa, medidas necessárias à conquista da cidadania plena de todos os grupos discriminados.*

Podemos entender a cidadania plena como a experiência que permite o exercício dos direitos e a prática dos deveres, mas que também significa o respeito à diversidade, sem hierarquizações preconcebidas.

PARTE 4 - APRENDER A SER

Vivemos numa sociedade que valoriza o *ter* em detrimento do *ser*. O avanço desenfreado do capitalismo e o surgimento da sociedade de consumo têm transformado valores culturais em mercadorias. Se a globalização conseguiu aproximar o mundo, principalmente pelo desenvolvimento tecnológico e pelo avanço comunicacional, também propiciou o acirramento das desigualdades entre os povos. Países desenvolvidos e ricos de um lado, países em desenvolvimento e pobres de outro. Normas reguladoras do sistema financeiro internacional são definidas pelos países ricos e regem as economias dos mais pobres.

No campo da cultura, padrões internacionais tentam sufocar manifestações locais, que se tornam cada vez mais periféricas, porém, nem por isso, perdem sua capacidade *transcultural* de resistência e sobrevivência.

4.1 – História, comunicação e educação

Falar de racismo, discriminação e preconceito racial no Brasil não é algo tão simples, considerando a crença no mito da democracia racial, ainda presente na mentalidade de muitos brasileiros. Falar de práticas racistas na escola também não é fácil, porque o tema obriga um olhar interiorizado de cada agente educativo, que precisa assumir suas limitações e dificuldades no relacionamento com a diferença.

Por isso, sugerimos, como caminho didático ao enfrentamento das relações raciais, o exercício dos quatro pilares da educação abaixo comentados.

Aprender a conhecer a diferença e a cultura de outros grupos, sem hierarquizações e preconceitos.

Aprender a conviver, exercitando a tolerância e o respeito intercultural.

Aprender a fazer, promovendo aulas, exercícios, oficinas e seminários que contemplem o conhecimento bibliográfico alusivo à cultura e à história da população negra no Brasil e no mundo.

Aprender a ser, reconhecendo em si as posturas preconceituosas em relação a negros, mulheres, homossexuais, nordestinos, pobres... E, a partir dessa autocrítica, agir cotidianamente em prol da superação. O aprender a ser é um exercício pessoal necessário que contagia a coletividade em nosso entorno.

Outro conceito que sugerimos como técnica metodológica é a **educomunicação**, que pode ser definida como a análise crítica da mídia (conjunto dos meios de comunicação) seguida de propostas criativas de novas linguagens midiáticas expressas e/ou impressas em veículos comunicacionais alternativos (jornais, murais, internet, blogs, sites, fanzines, filmes VHS etc.) que podem ser elaborados na escola.

O poder midiático na propagação de mensagens é inegável. Por isso, se essas mensagens são **mediadas** com reflexão, podem reverter estereótipos e auxiliar a elaboração de novas mentalidades.

Quando a mídia (conjunto dos meios de comunicação) abre espaço para questões alusivas à população negra (índices que mensuram desigualdade socioeconômica, níveis de violência, mobilizações reivindicativas em torno das cotas nas universidades e mercado de trabalho), de forma geral, as pessoas não fazem idéia de que tamanha visibilidade não é acaso, mas decorre do processo histórico até agora narrado neste livro.

Porém, este conhecimento é ainda novo para a grande maioria das pessoas, inclusive para os educadores, que agora, com o advento da Lei 10.639/03, são obrigados a ensinar a história africana e afro-brasileira. O que fazer?

Uma possibilidade didático-pedagógica é a busca da formação continuada e o uso conceitual da educomunicação como metodologia complementar à imprescindível contextualização histórica. Isso porque os fatos ocorridos no passado podem, muitas vezes, explicar o presente. Dessa forma, ao estudarmos a história do Brasil, temos de considerar como relevantes temas como a escravidão e as resistências transculturais. As notícias midiáticas relacionadas à globalização podem demonstrar aspectos das desigualdades que ainda se mantêm.

4.2 – De volta à formação de professores. Concluindo a atividade

Além da definição do objetivo geral e dos específicos, a equipe de professores sistematizou as informações e os conceitos coletados nas diretrizes da Lei 10.639/03, extraídos dos livros que estavam na mochila do professor Paulo e do dicionário de ciências sociais tomado emprestado da biblioteca.

A equipe redigiu uma justificativa apresentando como argumento a invisibilidade histórica dos processos transculturais de resistência negra no Brasil e no mundo. O desconhecimento dessas lutas, ainda contemporâneas, favorece a manutenção de idéias embasadas no senso comum e, por essa razão, vulneráveis a posturas preconceituosas e valorativas.

– Gente, agora falta definir qual metodologia usaremos para relacionar toda essa informação ao tema “cabelo” – salientou Paulo.

– Eu sugiro que a gente considere o que pode ser dado na educação infantil e o que tem a ver com o ensino fundamental.

– Sendo assim, poderíamos também fazer algumas recomendações para o ensino médio, considerando que a maioria aqui trabalha em todos os níveis.

– Ok, boa idéia.

– Vamos lá.

– Metodologia. Análise histórica e antropológica da importância da presença negra no Brasil. Todos concordam?

– Sim, mas essa análise será feita de que maneira?

– A partir das técnicas metodológicas que usaremos. Exemplo: na educação infantil, eu sugiro a mudança da decoração da sala de leitura, que só tem princesas e príncipes brancos, como a Cinderela e a Branca de Neve. Que tal se nós incluíssemos imagens de rainhas e reis africanos?

– Legal, mas onde vamos conseguir?

– Na literatura infantil. Eu já vi livros que contam a história de lendas e mitos africanos. Existe um livro bem legal, que conta a história das “tranças de Bintou”, uma menina negra africana que sonhava com a possibilidade de trançar seus cabelos. O mais legal é que a autora relaciona o cabelo dela a um “ninho de passarinho”.

– Então esse livro não serve.

– Serve sim, porque na perspectiva cultural defendida pela autora os passarinhos enfeitaram os cabelos da menina Bintou.

– Puxa vida, os agentes escolares deveriam ler esse livro. Quem sabe assim param de chamar as crianças de cabeça fuá.

– Gostei dessa idéia.

– Qual?

– Inserir os agentes escolares no processo de formação.

– Vamos também convidar os pais e as mães e falar da importância do cuidar e até ensiná-los a pentear o cabelo das crianças.

– Poderíamos chamar a dona Odete, avó da Sarah, para uma oficina na escola.

– Será que ela aceita?

– Acho que sim, ela sempre participa das reuniões.

– Podemos recortar revistas que tenham modelos e artistas negros.

– Legal. Mas também poderíamos pesquisar outras personalidades negras no mundo da política e da ciência. Vamos evitar os estereótipos.

– Ótima idéia.

– Está quase na hora de o Jonas voltar. Vamos concluir nosso trabalho.

4.3 – Axé, sinônimo de força vital

Pontualmente Jonas entra na sala e observa certa ansiedade na equipe de professores. Ele também está um tanto ansioso com o resultado, mas a sua experiência profissional não deixa este sentimento transparecer. Sorrindo, pergunta:

– E aí, turma?

Marta se antecipa e responde:

– Jonas, senta aí e se prepara para assistir a uma pequena *performance*.

Jonas obedece e se acomoda numa das cadeiras que estava na roda. Regiane explica:

– Você nos fez conhecer a Lei 10.639/03, mas fomos obrigados a ler muito mais.

– Descobrimos que não dá para dissociar a história e a cultura – completou Paulo.

– Por isso, vamos iniciar nossa apresentação cantando uma canção do Arnaldo Antunes e do Jorge Ben Jor. Atenção, um, dois, três:

Cabelo

(Jorge Ben Jor / Arnaldo Antunes)

Cabelo, cabeleira, cabeluda, descabelada

Cabelo, cabeleira, cabeluda, descabelada

Quem disse que cabelo não sente

Quem disse que cabelo não gosta de pente

Cabelo quando cresce é tempo

Cabelo embaraçado é vento

Cabelo vem lá de dentro

Cabelo é como pensamento

Quem pensa que cabelo é mato

Quem pensa que cabelo é pasto

Cabelo com orgulho é crina

Cilindros de espessura fina

Cabelo quer ficar pra cima

Laquê, fixador, gomalina

Cabelo, cabeleira, cabeluda, descabelada

Cabelo, cabeleira, cabeluda, descabelada

Quem quer a força de Sansão

Quem quer a juba de leão

Cabelo pode ser cortado

Cabelo pode ser comprido

Cabelo pode ser trançado

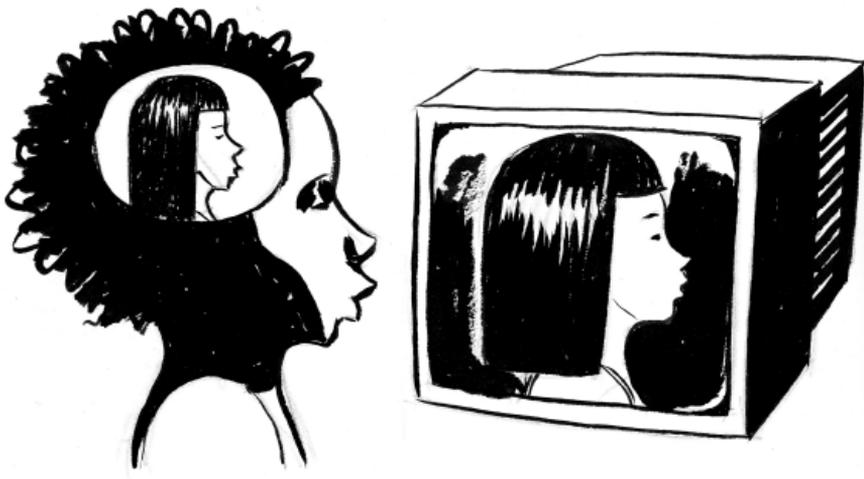
Cabelo pode ser tingido

Aparado ou escovado

Descolorido, descabelado

Cabelo pode ser bonito

Cruzado, seco ou molhado



Quando os seis participantes da equipe começaram a cantar, os demais professores que estavam na sala da Secretaria pararam de falar. Deixaram de prestar atenção em seus respectivos grupos e ficaram surpresos em ver a exibição alegre de seus pares.

Após a exibição, os aplausos ecoaram na sala, com assovios demonstrando que a platéia havia realmente gostado da apresentação.

Em seguida, Regiane prosseguiu:

– Aprendemos muito hoje. Falo por mim, uma mulher negra que sempre conheceu o preconceito, mas ainda assim se manteve, ao menos até hoje, como uma pessoa que também discriminava negativamente a própria cultura. Só não me culpo mais porque aprendi hoje que nunca havia problematizado a situação histórica do meu povo e, por essa razão, não pretendo continuar a julgar as crianças por seu comportamento e pela forma como se apresentam na escola.

Paulo continuou:

– Não pretendo mais categorizar as crianças como “pobrinhas”. Espero fazer do meu conhecimento histórico um instrumento para a devida valorização das demais culturas e povos que compõem o Brasil.

– Agora é minha vez – falou Marta. – Preciso dizer que até esta manhã eu realmente acreditava que o meu cabelo era “ruim”. Não aceito mais isso. Quando minhas raízes – falo do meu cabelo e da minha origem – começarem a aparecer, não terei mais vergonha de dizer que sou, apesar da minha cor branca, filha de uma mulher negra.

Um a um dos membros manifestou um pensamento e uma intenção relacionada aos conceitos que haviam lido e debatido na formação. Preconceito, racismo, discriminação... realmente ocorrem na escola. Todavia, devem ser combatidos pelos educadores que – como disse Paulo Freire – recusam a neutralidade omissa e não lavam as mãos diante dos conflitos inerentes ao cotidiano escolar.

Tomar partido não significa tratar uma criança melhor que a outra, mas sim assumir uma postura ética, contrária ao silêncio escolar que cala em vez de se contrapor às ocorrências de preconceito e discriminação.

Visivelmente emocionado, Jonas ouviu a apresentação dos conceitos pesquisados e de como eles contribuem para a perpetuação do racismo. Porém, o melhor ainda estava por vir. A equipe decidiu iniciar o projeto de implementação da Lei 10.639/03 naquela mesma semana. Utilizaria, para isso, a pesquisa realizada na tarde de formação e daria continuidade com o envolvimento da comunidade escolar. Todavia, ao definirem o nome do projeto, todos os participantes – em sintonia – tiveram a mesma idéia e a anunciaram ao jovem especialista:

– Jonas, o nosso projeto se chamará “Dona Vera” – anunciou Marta.

– É a nossa homenagem a sua mãe, que soube lutar pelo direito ao respeito a ela, a você e a todas as crianças negras, que são humilhadas na escola por preconceito e não-aceitação da diversidade.

Emocionado, Jonas se levantou, abriu os braços convidando seus novos colegas a um abraço coletivo. Explicou que a cosmovisão africana, ou seja, a forma como a maioria dos povos tradicionais, inclusive os indígenas, se relacionam com a natureza é circular e/ou espiral. Por isso estavam ali, em círculo compartilhando uma energia renovadora, capaz de promover mudanças significativas.

– Esta energia tem nome. Força vital, axé. Vamos todos juntos expandi-la a este ambiente neste momento de despedida. Um, dois, três...

E a equipe repetiu, em coro:

– Axé!

5. CURIOSIDADES – PARA SABER MAIS

O tema cabelo possibilita interpretações antropológicas, históricas, religiosas... Vale a pena conhecer algumas.

5.1 – Dreads: significado, higiene e preconceito

Felizmente, nem todas as pessoas acreditam nos estereótipos contrários aos seus cabelos. Sua auto-estima e identidade são expressas esteticamente nos estilos de cabelo e até de careca a serem usados.

Um estilo polêmico em todo o mundo é o uso de *dreadlocks* (rastas). A enciclopédia virtual Wikipédia traz informações importantes sobre o penteado, sem pré-noções. Veja o verbete abaixo.

O *dreadlock* é uma forma de manter os cabelos que se tornou mundialmente famosa com o movimento rastafári. Consiste em bolos cilíndricos de cabelo que aparentam “cordas” pendendo do topo da cabeça. Os *dreadlocks* também podem ser chamados de *locks*, ou simplesmente *dreads*.

História

Ao contrário do que se pensa, os *dreadlocks* não nasceram com o movimento rastafári e com o cantor Bob Marley. O uso de *dreads* é tão antigo que se torna impossível datar corretamente quando começaram a ser utilizados.

Mas o que se sabe é que povos que habitavam a região da Índia foram provavelmente os primeiros a se utilizar dos *locks* sobretudo por uma questão de praticidade: os cabelos tornavam-se longos e era extremamente difícil cortá-los, então, deixavam que se enrolassem e com o óleo natural do couro cabeludo torciam os cabelos para que conservassem uma forma cilíndrica, que diminuía o volume e o tamanho do cabelo original.

Porém os *dreadlocks* se tornaram famosos com o movimento rastafári. Os rastafáris não cortam ou penteiam os cabelos, pois assim está escrito na Bíblia em Levítico 19:27, e é uma forma de protesto contra a Babilônia (o Sistema, um conjunto de idéias e valores que mantêm os indivíduos alienados e escravos mentalmente) e o padrão de beleza imposto pelas classes dominantes, a burguesia.

Higiene

É fato que na época em que surgiram representavam um sério risco de higiene, mas, a se tratar pelos padrões de hoje, esta concepção mudou.

Há, assim como com qualquer cabelo, quem tenha os *dreads* limpos e quem os tenha sujos. Isso é apenas uma questão de atitude do usuário, pois apesar de acarretar mais trabalho para o dono do cabelo, mantê-los limpos e lavá-los todos os dias não só é plenamente possível como também é freqüente por grande parte dos adeptos deste estilo.

Tratar de *dreads* em pouco difere de tratar de cabelos nor-

mais, porém, é preciso tomar um cuidado especial em secar o cabelo, pois a umidade pode gerar um acúmulo de fungos que causam o mau cheiro.

Preconceito

Talvez por fugir drasticamente dos padrões de beleza adotados pela maioria da população ou talvez pela associação do estilo ao consumo de maconha, o usuário de *dreads* sofre imenso preconceito na maioria dos países.

O adepto deste estilo normalmente tem severos problemas para conseguir emprego, e quando o trabalho exige relação direta com o cliente é praticamente impossível conseguir a vaga. Esta tendência de prejudicar o usuário de *dreads* mostra-se mais forte em sociedades com baixo nível cultural e educacional. Em países europeus, como a Suíça, frequentemente vêem-se pessoas utilizando *dreads*, pois o respeito a outras culturas é muito mais forte.

É bom lavar com água sanitária também, pois sua fórmula mata os fungos.

Como fazer e manter

Existe o falso mito de que para fazer *dreads* em cabelos lisos é necessário que não sejam lavados por um certo tempo antes da aplicação. Essa informação é incorreta, pois cabelos não lavados ficam oleosos e dificultam o processo.

Existem várias formas de “dredar” o cabelo.

As três mais freqüentes são:

Tradicional

Este é o meio mais difícil de fazer *dreads*, exige muita dedicação e o resultado costuma não se equiparar com o que se obtém por meio das outras formas. É recomendado que se tenha o cabelo crespo típico do negro africano; outros cabelos dificilmente manterão a forma. O processo consiste em não lavar o cabelo com shampoo ou qualquer outro produto que possa alisar os cabelos, e, à medida que cresce, ir enrolando o cabelo com a palma das mãos, formando os *dreads*. Este é o método utilizado pelos rastafáris. Não é muito recomendado pois é difícil mantê-los limpos; os *dreads* ficam sempre com aparência de sujos.

Quem é negro e tem cabelo crespo tem a opção de enrolar o cabelo no modelo *baião-de-dois* e depois separar os dois. O resultado será um *dread* que com o tempo ficar mais grosso. É necessário ter cuidado e ficar sempre separando os *dreads*. Deve-se lavá-los apenas 15 dias depois de os ter enrolado e só o fazer com água do mar e sabão azul.

Com cera

Este é seguramente o mais utilizado nos dias de hoje, funciona com qualquer tipo de cabelo. É necessário que o cabelo já tenha certo comprimento, em torno de 10 cm, mas recomenda-se mais. O processo consiste em dividir o cabelo em tufos de cerca de 2 cm e pentear cada tufo da ponta para a raiz com um pente de ferro visando embolar os cabelos. Depois de embolados todos os *dreads*, aplica-se cera de abelha para fixá-los. Uma manutenção freqüente torna-se necessária para que os cabelos não soltem, o que consiste em aplicar cera periodicamente e enrolá-los com a palma da mão.

Com agulha

Este processo é muito dolorido, mas resulta em *dreads* mais compactos e limpos. Divide-se o cabelo e penteia-se da ponta à raiz, como no processo com cera. Daí “se costura” o cabelo com uma agulha de crochê. Algumas pessoas depois disso ainda aplicam a cera. Uma manutenção freqüente é muito recomendada, o que consiste em recosturar os cabelos com a agulha quando soltam alguns fios e enrolá-los com a palma das mãos. O que define o resultado dos processos, porém, é a manutenção. Costuma-se dizer que os *dreads* ficam bons quando “travam”, ou seja, quando não é mais possível soltá-los. É recomendado lavar os cabelos regularmente com shampoo sem resíduos ou sabonete de coco, e depois secá-los muito bem com secador ou ao sol. Deve-se atentar para o mau cheiro, que indica a presença de fungos. O comprimento costuma reduzir 20% em cabelos encaracolados depois de aplicados os *dreads*. A redução é bem maior em cabelos lisos.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Dreadlocks>

5.2 - Cabeça rapada: identidade étnica, humor e violência

Nos anos 90, os bem-sucedidos jogadores afro-americanos da NBA (National Basketball Association) foram, sem dúvida, os grandes responsáveis pelo lançamento da moda, entre os homens negros de diferentes idades, de rapar os cabelos e dar brilho à careca. Os que não rapavam, descoloriam os cabelos, tornando-os loiros. O paradoxo dessa prática está no fato de, ao se tornarem negros-loiros, esses atletas e cantores afro-americanos estariam afirmando a sua *identidade negra*, visto que pessoas de pele negra (ou não-branca) tendem a escurecer ainda mais quando clareiam seus cabelos. O contraste entre a cor do cabelo e a cor da pele seria o objetivo estético almejado.

Cabelo ruim é aquele que vai embora, abandona a cabeça, sem mais satisfações. Mesmo que você o alimente com loções, cremes para fortalecimento e crescimento, não adianta, ele vai embora e deixa um enorme vazio... (Sabedoria popular)

O vazio, ou a careca, também expõe seus portadores a situações de desrespeito legitimado por piadas e a apelidos de mau gosto. Porém, rapar a cabeça tanto pode ser um ato motivado pela vontade pessoal do indivíduo quanto pode configurar-se numa prática cultural, com especificidades contextuais, como as abaixo descritas.

Religiosidade - No candomblé, religião de matriz africana, rapar a cabeça tem significado iniciatório e de purificação. A cabeça (*ori*) representa o iniciado, mas, fundamentalmente, representa a identidade de seu orixá, portanto, é o centro da força vital, que significa axé.

A tosa dos cabelos também é feita em outras religiões, como no judaísmo, durante a circuncisão, e na ordem franciscana do catolicismo, cujos freis rapam o alto da cabeça, que fica circundada por cabelo curto.

Cultura estética - A calvície, queda dos cabelos, atinge majoritariamente os homens. Os avanços da indústria estética criaram novas técnicas de perucas, implantes e entrelaçamentos para pessoas que não querem ser carecas. Mas há quem assuma a calvície e a careca sem maiores problemas com a autoestima. Artistas, cantoras e modelos também ousam rapar a cabeça.

Violência - A história, no entanto, registra que as mulheres consideradas adúlteras, deladoras ou feiticeiras tinham a cabeça rapada como símbolo de humilhação pública. A mártir francesa Joana D'Arc, antes de ser condenada à fogueira, em 1431, teve a cabeça rapada, o que causou a revolta de seus adeptos. Mas há versões de que ela mesma teria cortado os cabelos para obter maior respeito do exército francês.

Em meados do século XX, a violência nazista na Segunda Guerra Mundial provocou a morte de milhões de judeus, que, ao serem presos, eram

tatuados com números ou com uma “estrela”, simbologia que remete à figura bíblica de Davi. Apesar das baixas temperaturas, os prisioneiros eram obrigados a tirar a roupa, rapar o cabelo, tomar banho gelado. Os campos de concentração eram cercados por arame farpado eletrificado. Em Auschwitz-Birkenau, um dos mais famosos, foram preservados barracões com salas nas quais podem ser vistos os tapetes feitos com os cabelos dos judeus, vítimas de tortura e extermínio.

Outro mártir careca foi Mahatma Gandhi, pacifista que liderou nos anos 60 o movimento da “Não-violência” contra a coroa britânica, para alcançar a independência da Índia. Gandhi influenciou diretamente as idéias do líder afro-americano Martin Luther King.

Saúde - A cabeça sem cabelos também é uma característica das pessoas doentes de câncer que passam por quimioterapia. A exposição à radiação contribui para a queda dos cabelos. Vale a pena observar a ampliação da consciência de cidadania atrelada à maior informação sobre os diferentes tipos de câncer. Pacientes, familiares, profissionais da saúde conseguiram, sem dúvida, demonstrar que em muitos casos o câncer previamente detectado tem cura. Diferentes mídias têm sido utilizadas para propagar informação e, com isso, muitos indivíduos portadores da doença, principalmente mulheres, têm tido coragem de assumir a “careca”. Isso exemplifica uma forma de o preconceito perder para o conhecimento.

5.3 - Curiosidades

Os cabelos compõem a identidade cultural das pessoas.

Os núcleos das células que formam os fios contêm a molécula de DNA, na qual a herança genética do ser humano está escrita. Por isso, a análise do DNA de um fio de cabelo pode descobrir a paternidade de uma criança.

A molécula melanina dá cor aos cabelos. Ela é produzida na forma de pequenos grânulos pelos melanócitos, células localizadas na raiz. As eumelaninas são de cor preta e as feomelaninas, amarelas. Misturadas, produzem uma variedade de cores.

A Bíblia conta a história de Sansão, cuja força física era imensa e atribuída a suas longas madeixas. Seduzido por Dalila, Sansão deixou a amada cortar seu cabelo e perdeu a força.

0,3 mm é o crescimento diário médio de um fio de cabelo, que pode crescer cerca de 1,5 cm por mês.

1,3 km é a quantidade aproximada de cabelo produzida mensalmente, o que equivale à distância de 16 km por ano.

4 mm sob a pele é a profundidade que o folículo piloso (cabelo) está implantado.

45 microns é o diâmetro de um fio de cabelo fino.

200 é o número médio de cabelos existentes em 1 cm³.

Culturalmente, cachos de cabelos de criança são oferecidos como presentes a madrinhas e padrinhos de batismo.

Culturalmente, mechas de cabelos são utilizadas em feitiços e simpatias.

Culturalmente, mechas de cabelos são oferecidas a santas e santos católicos como agradecimento por graças recebidas.

Culturalmente, filhas de Iemanjá tendem a manter os cabelos compridos e evitam cortá-los.

Há quem diga que os cabelos crescem com maior rapidez quando são cortados em período de lua crescente ou cheia, preferencialmente quando, na astrologia, a lua se encontra sob os signos de touro, virgem ou libra.

Os fios de bigode serviam como fiança de palavra e promessa e representavam a honra do homem que os empenhava.

Pixaim – palavra definida na primeira parte deste livro – é o título do filme de Dinorath do Valle e Fernando Belens, lançado em 2001. A trama se passa na Bahia, é poética e tem como eixo estético a palavra literária.

Referencias bibliográficas

BACCEGA, Maria Aparecida. Da informação ao conhecimento: resignificação da escola. In: *Comunicação e educação*, 22, Ano VIII, set/dez, 2001, Revista do Curso de Gestão de Processos Comunicacionais.

BACCIN, Cristina. A comunicação como conhecimento. In: *Comunicação e educação*. Revista do Curso de Gestão de Processos Educomunicacionais, ano X, nº 1, jan/abr. 2005, p. 49-59.

BARROS, Surya Aaronovich Pombo de. Discutindo a escolarização da população negra em São Paulo entre o final do séc. XIX e início do XX. In: ROMÃO, Jeruse (Org.). *História da educação do negro e outras histórias*. Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, p. 79-92.

BASTIDE, R. e Fernandes, F. O preconceito racial em São Paulo - projeto de estudo. In: HIRANO, Sedi (Org.). *Pesquisa social e projeto de planejamento*. 2ª ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1988.

BERND, Zilá. *O que é negritude*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BERND, Zilá. *Negritude e literatura na América Latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

CANCLINI, Nestor García. *Culturas populares en el capitalismo*. México: Grijalbo, 2002.

DIOUF. *As tranças de Bintou*. Ilustrações de Shane W. Evans. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Ministério da Educação. SEPPIR/SECAD/INEP, 2005.

COMAS, Juan *et al.* *Raça e Ciência I*. São Paulo: Perspectiva, 1960.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscara branca*. Rio de Janeiro: Fator, 1980.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais. In: *Revista educação e realidade*, Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, vol. 18, nº 2, jul/dez-1993, p.63-72.

GADOTTI, Moacir. *Convite à leitura de Paulo Freire*. São Paulo: Scipione, 1991.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as. Um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. In: *Educação e pesquisa*. São Paulo, vol. 29, nº 1, p. 167-182, jan/jun, 2003.

_____. *Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra/ Body and hair as symbols of black identity*. <http://www.rizoma.ufsc.br/pdfs/641-of1-st1.pdf>

GRAMSCI, Antonio. *Obras escolhidas*. Trad. Manuel Cruz; revisão Nei da Rocha Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. A modernidade negra. In: *Teoria e pesquisa* - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal de São Carlos, números 42 e 42, jan/jul, 2003.

IANNI, Octávio. *A era do globalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

JONES, James. *Racismo e preconceito*. Trad. Dante Moreira Leite. São Paulo: Edgard Blücher, Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.

CUTI. *E disse o velho militante José Correia Leite...* São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

Lévi-Strauss, Claude. Raça e história. In: *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

Malachias, Rosângela. Práticas educacionais e teorias interdisciplinares no combate ao racismo. *Revista identidade científica do Grupo de*

Pesquisa GEPEC, Faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente, Unoeste, vol. 1, n° 3, novembro de 2004, p. 68-73.

_____. *Ação transcultural: a visibilidade da juventude negra nos bailes black de São Paulo (Brasil) e Havana (Cuba)*. Dissertação de mestrado, São Paulo, Prolam/USP – Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo, outubro de 1996.

_____. *Os sonhos podem acontecer. Teorias e práticas à ampliação do discurso preventivo ao abuso de drogas com a inclusão de jovens, negros e mulheres*. Tese de doutorado, São Paulo, ECA/USP, outubro de 2002.

Martin-Barbero, Jesus. *Dos meios às mediações. Comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

MORAES, Denis de (Org.). *Por uma outra comunicação. Mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Record, 2005

Munanga, Kabengele. *Negritude - usos e sentidos*. São Paulo: Ática, 1986.

Nascimento, Abdias do. Teatro experimental do negro: trajetórias e reflexões. In: *Estudos avançados*, 18 (50), 2004, p. 209-223.

Nascimento, Elisa Larkin. *Pan-africanismo na América do Sul - emergência de uma rebelião negra*. Petrópolis, RJ: Vozes/IPEAFRO-PUC/SP, 1981.

Rosemberg, Fúlvia. Relações raciais e rendimento escolar. In: *CADERNOS DE PESQUISA “Raça negra e educação”*, São Paulo, Fund. Carlos Chagas, n° 63, novembro de 1987.

Santos, Milton. *Por uma outra globalização – do pensamento único ao pensamento universal*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

Silva Jr., Hédio. *Direito de igualdade racial. Aspectos constitucionais, civis e penais. doutrina e jurisprudência*. São Paulo: Juarez de Oliveira, 2002.

GLOSSÁRIO DA COLEÇÃO

Auto-aceitação: ato ou efeito de aceitar a si mesmo; acolhimento. Disposição de experimentar, acolher e assumir responsabilidades pelos próprios pensamentos, sentimentos e ações.

Auto-estima: sentimento amoroso que uma pessoa é capaz de nutrir por si mesma. Reconhecimento e valorização das próprias qualidades, potencialidades e atributos físicos e respeito às próprias imperfeições e limitações.

Axé: palavra de origem iorubá que significa força vital. Trata-se da força-ser que estrutura o universo. Em língua bantu: ntu.

Casa-grande: habitação senhorial, geralmente o centro de uma propriedade rural (engenho de açúcar, fazenda de café ou gado) em que habitavam o senhor proprietário, seus familiares e agregados.

Discriminação positiva: termo usado atualmente com a finalidade de reparar erros que foram secularmente cometidos e endossados pela sociedade. Exemplos: bancos diferenciados para idosos no transporte coletivo; cota mínima para mulheres nas representações de partidos políticos; cota mínima para indígenas e afro-descendentes nas instituições de ensino superior.

Discriminação racial: ato de discriminar uma pessoa tendo como base sua raça/cor da pele, com a intenção de preteri-la, ofendê-la, excluí-la ou inferiorizá-la. Pode ser um ato explícito, dirigido diretamente à pessoa-alvo, ou um ato camuflado.

Discriminar: separar com base em categorias. Por exemplo, ao criar a categoria cor, discrimina-se o azul do amarelo, do roxo, do preto, do cor-de-rosa. Ao criar a categoria som: discrimina-se o som alto do baixo, do agudo, do grave. A discriminação deixa de ser somente um ato de separação que visa organizar algo dentro de categorias inventadas pelos humanos quando é apoiada em valores por meio dos quais são estabelecidas hierarquias.

Estereótipo: clichê, rótulo, modelo rígido e anônimo, com base no qual são produzidos, de maneira automática, imagens ou comportamentos. Chavão repetido sem ser questionado. Parte de uma generalização apressada: toma-se como verdade universal algo que foi observado em um só indivíduo.

Estigma: refere-se a algum atributo ou qualidade de natureza depreciativa que se apresentam como verdadeiros, mas que de fato foram forjados nas relações sociais, geralmente num contexto de disputa ou competição. Por isso, o estigma, quer individualmente ou socialmente, pode ser usado, por exemplo, como instrumento para justificar a exclusão de uma pessoa ou grupo da participação efetiva na sociedade.

Flexibilidade: qualidade de flexível, elasticidade; capacidade dos indivíduos de enfrentarem as mudanças sem apegos inadequados ao passado e sem dificuldades para lidar com o que é novo.

Identidade: produto dos papéis sociais que o sujeito assume em suas relações sociais; sentimento que uma pessoa tem de possuir continuidade, como distinguível de todas as outras. “Os termos ‘identidade’ e ‘subjetividade’ são, às vezes, utilizados de forma intercambiável. Existe, na verdade, uma considerável sobreposição entre os dois. ‘Subjetividade’ sugere a compreensão que temos sobre o nosso eu. O termo envolve os pensamentos e as emoções conscientes e inconscientes que constituem nossas concepções sobre ‘quem somos’. (...) As posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossas identidades” (Kathryn Woodward).

Identificação: processo psicológico pelo qual um indivíduo assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro, e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo dessa pessoa. A personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações.

Personalidade: organização constituída por todas as características cognitivas, afetivas e físicas de um indivíduo; o elemento estável da conduta de uma pessoa; sua maneira habitual de ser, aquilo que a distingue de outra.

Preconceito: “é um juízo preestabelecido, baseado em mera crença ou opinião que formamos sem conhecer devidamente a realidade sobre a qual nos manifestamos. Portanto, pré-conceito significa ‘conceito prévio’, formulado sem o cuidado de permitir que os fatos sejam investigados e possam contrariar nossos julgamentos ou opiniões” (Renato Queiroz). “O preconceito é entendido, em geral, como uma atitude hostil em relação a um grupo de indivíduos considerados inferiores sob determinados aspectos – morais, cognitivos, estéticos – em relação ao grupo ao qual o preconceituoso pertence ou almeja pertencer” (José Leon Crochik).

Preconceito racial: concepção sem exame crítico, formada a priori, transmitida culturalmente de geração em geração. Caracteriza-se por idéias assumidas com propriedade, sem reflexão sobre sua racionalidade e sobre a consequência de aderir ou não a elas.

Psique: a alma, o espírito, a mente.

Psiquismo: conjunto de fenômenos ou de processos mentais conscientes ou inconscientes de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos.

Racismo: explicação criada, no século XIX, para justificar a ação política de discriminação, segregação, exclusão e eliminação baseada na idéia de que existem raças humanas com características determinadas e imutáveis, atribuídas a todos os indivíduos pertencentes a este grupo e transmitidas hereditariamente. A cada raça biológica corresponderiam também traços de cultura, valores, ciências, de modo que as “raças” mais evoluídas deveriam dominar e comandar as menos evoluídas, para o bem da própria humanidade. O racismo é uma ideologia ou forma de dominação que explica e justifica que essas supostas raças superiores dominem ou eliminem as consideradas inferiores.

Senzala: espaço, na casa-grande ou sobrado senhorial, reservado ao abrigo dos escravos. Geralmente de uma só porta e sem janelas para evitar fugas. Lugar insalubre onde se prendiam homens e mulheres de todas as idades. Na origem (Angola), significava “residência familiar”.

Subjetividade: dimensão do ser humano que está para além dele, não se restringindo a uma essência interna. É constituída pelos níveis individual e social; é histórica, construída e se desenvolve nos processos das relações sociais dentro das culturas onde as pessoas vivem.

Quilombo: na origem (Angola), significa acampamento e, por extensão, os locais onde se reuniam os prisioneiros destinados à escravidão antes de serem embarcados nos tumbeiros. No Brasil, desde a Colônia, ganhou nova conotação a partir do momento em que o refúgio/acampamento de escravos fugidos passou a ser identificado para combate e desmantelamento. A palavra mocambo também é utilizada com o mesmo significado, embora na origem (quicongo) designe telhado de habitação miserável.

Valores civilizatórios africanos: no Brasil existem valores originários da matriz africana que constituem elementos fundadores de nossa cultura: solidariedade, sociabilidade, hospitalidade, gestualidade, musicalidade.

A coleção *Percepções da Diferença. Negros e Brancos na Escola* é composta pelos seguintes volumes:

1. Percepções da diferença.

Autora: Gislene Aparecida dos Santos

2. Maternagem. Quando o bebê pelo colo.

Autoras: Maria Aparecida Miranda e Marilza de Souza Martins

3. Moreninho, neguinho, pretinho.

Autor: Cuti

4. Cabelo bom. Cabelo ruim.

Autora: Rosângela Malachias

5. Professora, não quero brincar com aquela negrinha!

Autoras: Roseli Figueiredo Martins e Maria Letícia Puglisi Munhoz

6. Por que riem da África?

Autora: Dilma Melo Silva

7. Tímidos ou indisciplinados?

Autor: Lúcio Oliveira

8. Professora, existem santos negros? Histórias de identidade religiosa negra.

Autora: Antônia Aparecida Quintão

9. Brincando e ouvindo histórias.

Autora: Sandra Santos

10. Eles têm a cara preta!

Vários autores

ISBN 978-85-296-0082-6 (Obra completa)

ISBN 978-85-296-0083-3 (Vol. 1)